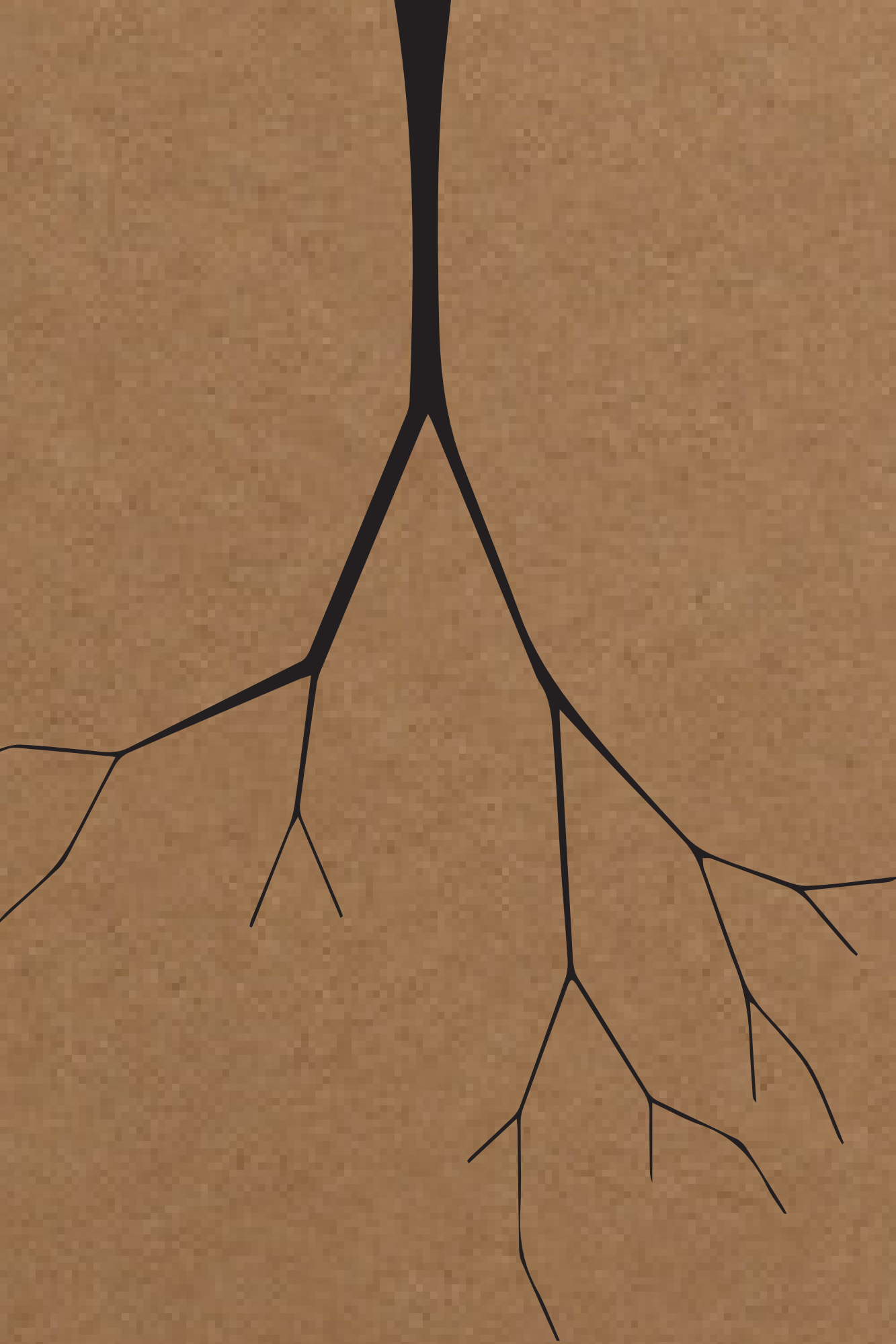




VEREDAS

MEMÓRIA E RESILIÊNCIA | CANUDOS-BA

ANDRÉ TEIXEIRA DA COSTA

Copyright © 2026 **André Teixeira da Costa**. Todos os direitos reservados.
Nenhuma parte desta obra poderá ser utilizada indevidamente, sem estar de acordo com a Lei nº 9.610/98.
Se correções forem encontradas, serão de exclusiva responsabilidade de seus organizadores/autores.

Editor: Bruno Matos de Farias
Assessoria Editorial: Helena Portes Sava de Farias
Marketing/ Design: Autor
Capa:André Teixeira da Costa
Revisão: Autor

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte, MG, Brasil) Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422	
C837v	Costa, André Teixeira da. Veredas: memória e resiliência : Canudos-BA / André Teixeira da Costa. – 1. ed. – Rio de Janeiro, RJ: Editora Epitaya, 2026. 37p. ISBN 978-65-5132-056-9 1. Canudos (BA) – História. 2. Memória social – Resiliência. 3. Arquite- tura – Canudos (BA). I. Título. CDD 720.288

UNIVERSIDADE FEDERAL DE VIÇOSA
CENTRO DE CIÊNCIAS EXATAS E TECNOLÓGICAS
DEPARTAMENTO DE ARQUITETURA E URBANISMO

ARQ 399 - TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO II - 2019.1

ESTUDANTE
André Teixeira da Costa

ORIENTADOR
Prof. Dr. Roberto de Almeida Goulart Lopes

BANCA EXAMINADORA
Prof. Dr. Ítalo Itamar Caixeiro Stephan
Professor DAU/UFV

Prof. Dr. Luiz Fernando Reis
Professor DAU/UFV

Arq. Ma. Lina Malta Stephan
Convidada externa

AGRADECIMENTOS

Àqueles que guiaram meus primeiros passos no mundo e que, ainda hoje, cada passo que dou é por vocês. Que com todo amor me criaram, acreditaram em mim e priorizaram a minha educação.

Aos educadores que me inspiraram e me ensinaram a ver o mundo com sensibilidade e curiosidade.

Às instituições de ensino que me receberam e foram responsáveis pela minha formação.

Aos moradores da comunidade de Canudos Velho que me esclareceram, ajudaram e acolheram com todo carinho.

A todos que passaram pela minha vida e que, de alguma forma, deixaram um pouco de si.

Por fim, a todos que um dia duvidaram de mim.

Faz-se presente aqui cada um de vocês. Gratidão!



“O sertanejo é, antes de tudo, um forte.”
Euclides da Cunha. Os Sertões.

SUMÁRIO

VEREDAS: MEMÓRIA E RESILIÊNCIA | CANUDOS-BA

1. PREFÁCIO

6

Apresentação
Introdução
Justificativa
Objetivos e metodologia

2. REFERENCIAL TEÓRICO

7

Patrimônio e Memória
Intervenção Patrimonial
Permacultura

3. CONTEXTUALIZAÇÃO

8

O sertão e a seca
Protagonismo cultural e artístico
Três vezes Canudos

4. DIAGNÓSTICO

12

Macro dados
Mapas e Fotos
Análises

5. PROPOSTA

14

Conceito
Intenções gerais | Espaços de memória

1. Estruturas de apoio no trajeto

2. Plataformas flutuantes

3. Conjunto da Praça com Galeria e Centro Comunitário

Desenhos técnicos
Cenas das propostas
Maquetes físicas
Conclusão

6. REFERÊNCIAS

35

Tabela de figuras
Bibliografia
Referências bibliográficas

APRESENTAÇÃO

Este trabalho é a continuação do desenvolvimento de uma proposta projetual de um conjunto de intervenções de resgate histórico e promoção cultural na antiga cidade de Canudos-BA (420km de Salvador), mais precisamente na região de Canudos Velho. Sua concepção será fundamentada em conceitos de patrimônio, memória coletiva e permacultura. O projeto consistirá em Espaços de Memórias com intervenções patrimoniais que, além de incentivar simbolicamente o resgate da memória coletiva, oferecerão infraestrutura de apoio comunitário, espaços de convivência e resiliência.

JUSTIFICATIVA

Canudos é a máxima representação da resistência sertaneja diante da hostilidade ambiental, desigualdade social e autoritarismo do Estado. Após resistir à guerra e ao afogamento, sem evadirem completamente nas ondas migratórias comuns no sertão, vivem em Canudos Velho os descendentes de Conselheiristas. Embora hoje haja água em abundância, a comunidade carece sobretudo de equipamentos públicos básicos e resgate cultural e histórico. A história local se não arduamente buscada é omitida ou ofuscada pelo protagonismo da Guerra de Canudos.

Espaços que promovam o encontro da comunidade, assim como a realização de atividades, resgate da história, promoção cultural e autossuficiência de recursos seriam de enorme contribuição. Evidenciar o patrimônio e a memória associados à infraestrutura necessária possibilitaria maior engajamento, qualidade de vida e revalorização de aspectos históricos e culturais.

INTRODUÇÃO

A memória coletiva de um povo é construída também pelo seu patrimônio histórico e, quando suprimido pela destruição ou não-preservação, acarreta em um prejuízo identitário imensurável. A perda das particularidades e das singularidades são fenômenos recorrentes entre lugares de interesse histórico, o que priva as gerações passadas de vivenciarem memórias e as futuras da sua própria origem.

No sertão baiano a repressão do Estado durante o Massacre de Canudos e as diversas tentativas de

apagamento histórico merecem atenção. Acerca do semiárido baiano, especificamente Canudos, Euclides da Cunha descreveu:

Ausência quase completa de ruas, em grande parte substituídas por um dédalo desesperador de becos estreitíssimos, mal permitindo, muitos, a passagem de um homem. Às vezes cinco ou seis casas alinham-se como numa tentativa de arruamento, mas logo adiante o ângulo reto com a direção daquelas, alinham-se outras, formando martelo e dando ao conjunto uma feição indefinível, constituindo um largo imperceptível e imperfeito para o qual dão simultaneamente os quintais, a frente das casas que se enredam desordenadamente. (CUNHA, 1897)

Entretanto, diferente da análise feita pelo autor, o lugar que hoje recebe o nome de Canudos, infelizmente, se trata de mais uma cidade genérica do interior da Bahia e não do cenário que carrega uma das maiores histórias de luta e resistência popular diante do autoritarismo do Estado. Da rodovia bem asfaltada nasce uma malha ortogonal, que a partir de um eixo principal irradiam ruas calçadas de paralelepípedo e repletas de casas de alvenaria, vidros temperados e telhados cerâmicos. Uma cidade assustadoramente comum, cujos habitantes pouco se identificam com a história e o poder público municipal parece não perceber todo o potencial cultural existente.

Canudos existe. Mesmo após um dos maiores massacres da história brasileira, os sobreviventes reergueram-se nos arredores da região até que, ironicamente, seguindo a profecia de Antônio Conselheiro, o sertão virou mar. Em 1950, em pleno semiárido, as obras de uma enorme represa repeliram a população do local que, questionavelmente analisado, seria ideal para inundar. Canudos, outrora reduzida a cinzas, agora era submersa no bem mais valorizado pelo sertanejo.

Novamente a população migrou para cidades da região e para o vilarejo de Cocorobó que, posteriormente, aproveitando a fama do nome, foi batizado de Canudos, tornando-se assim a atual e terceira cidade com esse nome. Entretanto, às margens do açude um pequeno bairro do vilarejo escapou das águas: Canudos Velho assim chamado, é a vívida expressão da luta e da resistência de um lugar e de um povo que precisou por 3 vezes sobreviver, resistir e ser Canudos.

Portanto, além do esquecimento histórico, a população enfrenta um dilema entre o acesso à água e a destruição do seu patrimônio. O resgate da identidade e da história, associado a soluções sustentáveis que melhorem a qualidade de vida torna-se essencial para a manutenção da comunidade e para reafirmar o sentimento de pertencimento de seus habitantes.

OBJETIVOS E METODOLOGIA

Questionar o histórico abandono da região e as diversas tentativas de destruição e apagamento do povo e do patrimônio local, além de evidenciar a resistência, a cultura e a história através de uma proposta arquitetônica, simbólica e sustentável, de resgate da memória coletiva e que também forneça infraestrutura de apoio comunitário, interação social e engajamento coletivo.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS	ETAPA	METODOLOGIA
Compreender os fenômenos e acontecimentos históricos da cidade de Canudos embasando-se em um referencial teórico	FUNDAMENTAÇÃO	-Incursão ao sertão baiano -Vivências e registros -Pesquisa Bibliográfica -Coleta de informações
Compreender o contexto ambiental, social, econômico e cultural e escolher o local de implantação	DIAGNÓSTICO/ DELIMITAÇÃO	-Visita técnica ao memorial Antônio Conselheiro -Conversas com moradores -Análise de mapas e dados
Investigar estratégias projetuais que solucionem questões bioclimáticas, construtivas, socioculturais e patrimoniais.	ESTUDOS DE CASO	-Seleção e análise de referências projetuais -Incorporação de aspectos relevantes ao projeto
Propor resgate da memória coletiva, junto a estratégias patrimoniais e permaculturais que proporcionem infraestrutura comunitária	EXERCÍCIO PROJETUAL	-Conceito -Programa de necessidades -Setorização -Pré-dimensionamento -Partido
Estruturar a proposta geral definitiva após incorporar críticas e alterações e representá-la graficamente com clareza e viabilidade de execução.	ANTEPROJETO	-Experimentações -Croquis -Modelagem 3D -Maquetes físicas -Desenho técnico 2D

PATRIMÔNIO E MEMÓRIA

A princípio fez-se necessário compreender algumas definições e conceitos relacionados a patrimônio, monumento e memória. Em seguida, analisou-se as diversas formas de intervenção no espaço e como promover e incentivar um resgate da memória sob uma ótica autóctone e sustentável, tendo em vista as particularidades locais.

Em A Alegoria do Patrimônio, Françoise Choay (2001) define patrimônio histórico como um bem ou conjunto destinado à comunidade e composto pela acumulação diversificada de objetos que possuam um passado em comum, remetendo a uma mentalidade. Sendo as edificações o bem relacionado mais intimamente com as pessoas e que engloba os aglomerados, conjuntos urbanos, aldeias e bairros e não mais meros monumentos históricos provenientes da arquitetura erudita. Nesse contexto, toda a produção edificada por um conjunto de indivíduos compõe a manutenção da memória coletiva do grupo, como ressalta Choay:

A especificidade do monumento deve-se precisamente ao seu modo de atuação sobre a memória. Não apenas ele a trabalha e a mobiliza pela mediação da afetividade, de forma que lembre o passado fazendo-o vibrar como se fosse presente. Mas esse passado invocado, convocado, de certa forma encantado, não é um passado qualquer: ele é localizado e selecionado para fins vitais, na medida em que pode, de forma direta, contribuir para manter e preservar a identidade de uma comunidade étnica ou religiosa, nacional, tribal ou familiar. (CHOAY 2001, p. 18)

A autora reforça, portanto, a função antropológica do monumento, ou seja, suas relações temporais e de memória são a essência do objeto arquitetônico.

O sociólogo durkheimiano Maurice

Halbwachs (2006) na obra A Memória Coletiva apresenta os conceitos de memória individual e coletiva, relacionando-os aos espaços e refutando a ideia de que a memória é um resultado da percepção de eventos reais na mente humana, trazendo o conceito para um cenário em que os contextos sociais e as relações sociais entre as pessoas e o ambiente contribuem para a construção das memórias.

para que a nossa memória se aproveite da memória dos outros, não basta que estes nos apresentem seus testemunhos: também é preciso que ela não tenha deixado de concordar com as memórias deles e que existam muitos pontos de contato entre uma e outras para que a lembrança que nos fazem recordar venha a ser constituída sobre uma base comum. (HALBWACHS, 2006, p. 39)

A valorização dos espaços e da sua estabilidade, descrita na obra de Halbwachs, é um mecanismo necessário para o processo de formação da memória e para a formação da identidade coletiva dos grupos. Segundo o autor não existe memória sem um contexto espacial, pois no espaço que elas ocorrem.

é justamente a imagem do espaço que, em função de sua estabilidade, nos dá a ilusão de não mudar pelo tempo afora e encontrar passado no presente – mas é exatamente assim que podemos definir a memória e somente o espaço é estável o bastante para durar sem envelhecer e sem perder nenhuma de suas partes. (HALBWACHS, Maurice. p. 160)

Já Pollak (1989) apõe-se de certo modo à visão de Halbwachs na medida em que afirma que a memória coletiva deve se distanciar da normatividade das instituições, dividindo-a em memória oficial (elitizada, institucional e construída por classes dominantes) e memória clandestina (construída por minorias e

pela população marginalizada), devendo esta ocupar o espaço e protagonizar invadindo o espaço público.

Essa memória “proibida” e portanto “clandestina” ocupa toda a cena cultural, o setor editorial, os meios de comunicação. O cinema e a pintura, comprovando, caso seja necessário, o fosso que separa de fato a sociedade civil e a ideologia oficial de um partido e de um Estado que pretende a dominação hegemônica. Uma vez rompido o tabu, uma vez que as memórias subterrâneas conseguem invadir o espaço público, reivindicações múltiplas e dificilmente previsíveis se acoplam a essa disputa da memória, no caso, as reivindicações das diferentes nacionalidades. (POLLAK, 1989, p. 5)

“A confrontação entre as duas memórias pode apresentar esse provável embate que configura as diferenças de interesses, a exclusão de um grupo e a distância entre o oficial e o clandestino” (REIS, 2012, p.23)

Relacionando ao tema aqui tratado, paira sobre a história de Canudos o predomínio e uniformização da história da guerra ocorrida. Oficializou-se esse período nos livros de história, nos registros, no Memorial Antônio Conselheiro e no Parque Estadual de Canudos. Entretanto, na Segunda Canudos existente, atual Canudos Velho, onde viveram os sobreviventes e descendentes da guerra e que ocorreu novamente a destruição patrimonial exercida pelo autoritarismo do Estado, negligencia-se a memória e o patrimônio, portanto, caracteriza-se como clandestina e marginal.

INTERVENÇÃO PATRIMONIAL

Alois Riegel (2006) na obra O Culto Moderno Dos Monumentos divide em três capítulos, sendo o primeiro os valores atribuídos aos monumentos e sua evolução histórica, o segundo os valores

de rememoração e sua relação com o culto dos monumentos e o último aborda os valores de contemporaneidade. Define que a revalorização da rememoração é descrita como um evento histórico produzido pela sociedade moderna e, diferente do dicotômico discurso de Ruskin e Viollet-le-Duc, defende soluções alternativas de pertinência relativa, não sendo a degradação versus a restauração a opção absoluta.

A ruína deveria simplesmente levar à consciência do espectador o contraste, essencialmente barroco, entre a grandeza do passado e a decadência presente. Ela exprime o pesar dessa queda, e a nostalgia correlativa de uma antiguidade que desejariam ver conservada: trata-se, por assim dizer, de um deleite voluptuoso na dor, que, mesmo atenuado por uma certa inocência pastoral, faz o valor estético do pathos barroco. (RIEGL, Alois. Opera della natura e opera d'arte. In: SCARROCCHIA, op. cit., p. 143)

PERMACULTURA

O conceito de permacultura como um sistema de design para a criação de ambientes humanos sustentáveis e produtivos em equilíbrio e harmonia com a natureza desenvolvido por Bill Mollison e David Holmgren, aperfeiçoado durante os anos e indo além da agricultura, possibilita para a arquitetura mecanismos de compreensão e leitura da paisagem para reconhecer padrões naturais e manejar recursos de modo a alcançar ambientes com tais premissas.

Busca-se então gerar resiliência e otimizar recursos naturais, resgatando técnicas vernaculares, processos tradicionais de autoconstrução e explorando a materialidade local de modo a criar vínculos pessoais e sem agredir a paisagem existente.

O SERTÃO E A SECA



Darcy Ribeiro (1995) define o sertão nordestino como o “deserto brasileiro”, entretanto, o sertão se difere dos desertos do mundo por ser envolto por zonas úmidas e não por grandes áreas secas, o que influencia na sua fauna, flora e em outros diversos aspectos climáticos. Além disso, suas singularidades não são apenas geográficas, mas também socioculturais. Torna-se necessário analisar esse ambiente tão representativo para compreender o país, como afirma Ariano Suassuna:

O Sertão é o nervo e o osso do Nordeste. E o Nordeste é o centro do Brasil. Não podemos nos esquecer de que do Nordeste para Minas corre um eixo que, não por acaso, segue o curso do rio da unidade nacional, o São Francisco. E a esse eixo que o Brasil tem de voltar de vez em quando, se não quiser se esquecer de que é Brasil.. (SUASSUNA, 2000)

A ocupação do interior nordestino deu-se durante o período colonial, quando as capitanias do Norte, que proibiam a criação de gado e já estavam consolidadas com a produção de cana-de-açúcar, precisaram expandir os negócios e se livrar da mão-de-obra “improdutiva” nos canaviais. Tornou-se então uma área que poderia além de receber os contingentes populacionais marginalizados, viabilizar a pecuária. Nasce uma noção de fronteira que se contrapõe com a ocupação litorânea vigente, criando agora um vazio alternativo para indígenas e escravos se refugiarem. O sertão passara a ser o curral do Brasil e uma possibilidade de liberdade.

A região colonial é o “cheio” do espaço preenchido pela colonização, mundo da ordem estabelecida pelas duas instâncias de poder: a Igreja e o Estado. O sertão, em oposição, é o território do vazio, domínio do desconhecido e, por isso mesmo, reino da barbárie e da selvageria. Ao mesmo tempo, se conhecido, pode ser ordenado através da ocupação e da colonização, deixando de ser sertão. (POMPA, 2003, p.227)

Não bastasse o clima agressivo, as desigualdades agravaram-se na medida em que o abandono do Estado deu margem ao coronelismo dos latifundiários que detinham o poder local e ditavam e julgavam tudo à sua maneira. Desse modo, tem-se durante décadas o cenário ideal para os abusos de poder, concentração de renda, perseguições, assassinatos e repressão do Estado como ocorreu em Canudos.

A escassez de chuvas é uma característica do próprio bioma que apresenta as menores incidências em âmbito nacional, entretanto, alguns fenômenos naturais agravam a falta de água em certos períodos. A seca extrema impossibilita a criação de animais e a irrigação de

plantações, dificultando a agricultura de subsistência nos 1348 municípios localizados no Polígono das Secas. As medidas de transporte de água em caminhões pipa, cisternas e até mesmo as grandes obras de transposição de rios e construção de açudes minimizam o impacto da falta d’água.

Na desesperada tentativa de superar a pobreza extrema, as desigualdades sociais e as condições ambientais, intensificou-se a busca por oportunidades em outras regiões, o que provocou um movimento migratório intenso em alguns momentos da história. A princípio houve um movimento a partir de 1879 para a Amazônia durante o Primeiro e o Segundo Ciclos da Borracha, e mais tarde, entre os anos de 1950 a 1970, para o Sudeste devido ao avanço industrial das cidades de São Paulo e Rio de Janeiro e também para o centro-oeste com a construção de Brasília.

A imposição de um modo de viver globalizado e idealizado causou o êxodo do sertanejo nesses períodos econômicos históricos do país. Na tentativa de se adaptar aos novos padrões urbanos, o sertanejo e nordestinos em geral enfrentam o preconceito racial e a xenofobia, muitas vezes reprimindo seus costumes, sotaque e cultura.

Embora ainda haja um êxodo nordestino, a intensidade desse fluxo diminuiu nas últimas décadas. Segundo o IBGE, houve um movimento de retorno da população às regiões de origem em todo o país, sendo que o Nordeste apresentou o maior número de migração de retorno, um reflexo das políticas públicas adotadas nos últimos anos e melhoria da qualidade de vida.



Figura 1: Casa de terra em Canudos Velho. O autor.

PROTAGONISMO ARTÍSTICO

Em meio ao clima agressivo e às desigualdades seculares, nasceram expressões culturais e artísticas de relevância mundial e genuinamente regionais e populares, como exemplo a literatura de cordel, xilogravura, baião, forró, culinária típica, vestimentas e um messianismo popular que mescla o catolicismo com lendas e folclores regionais. A partir das tradições, músicos, pintores, atores, escritores, cineastas e artistas em geral projetaram o sertão nordestino para o mundo e possibilitaram que a arte retratasse e também

denunciasse suas mazelas. O sertão e o sertanejo agora eram protagonistas e parte do imaginário popular.

Nosso povo, com uma arte estranha e poderosa, sabe criar a beleza até a partir da miséria e consegue manter sua dignidade no meio da maior degradação... São os pobres e belos sonhos do povo, que se veste assim para ter acesso a uma beleza, que, na vida, lhe é injustamente negada...; heróis infortunados, anônimos e altivos de uma epopeia pobre; heróis que, em seu pauperismo descarnado, sofrem, lutam e reagem, e que pelo simples fato de sobreviverem na dureza e na adversidade, participam da epopeia brasileira que a nossa Arte deve perenizar. (SUASSUNA, 1999, pp. 18-19)

Dá-se aqui maior ênfase para a produção literária e as artes plásticas como ferramentas para estudos formais e espaciais. Do retirante, no famoso poema teatral Morte e Vida Severina de João Cabral de Melo Neto, à expressiva descrição da caatinga e do cotidiano sertanejo em Vidas Secas de Graciliano Ramos, aos relatos de Euclides da Cunha durante a Guerra de Canudos em Os Sertões, às veredas e dificuldades em Grande Sertão: Veredas de Guimarães Rosa, às tragicomédias de Ariano Suassuna, à tela Os Retirantes de Candido Portinari e, mais recente, às esculturas efêmeras e disformes em couro e madeira feitas por Juraci Dórea.



Figura 2: Os retirantes, Candido Portinari.

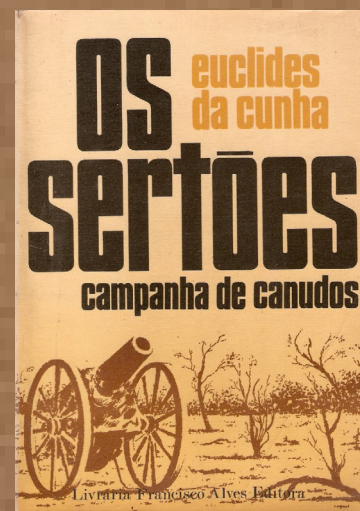
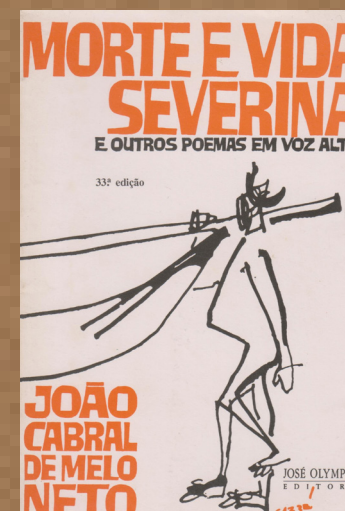
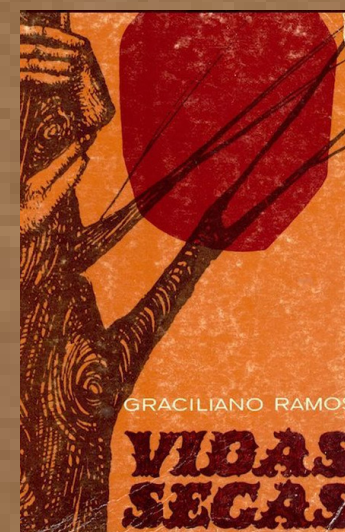


Figura 3: Capas de livros nacionais sobre o sertão.



Figura 4: Escultura, Juraci Dórea.

PRIMEIRA CANUDOS



Figura 5: Desenho do antigo Vilarejo de Canudos.

Após andanças pelo sertão nordestino, construindo igrejas, cemitérios e pequenos açudes, o messianismo popular de Antônio Conselheiro já havia conquistado muitos seguidores, dentre eles camponeses, indígenas e escravos recém libertos que passaram a compartilhar além da crença religiosa, o desapego material e o bem comunitário. Chegando às margens do rio Vaza-Barris na pequena aldeia perto da abandonada Fazenda Canudos fixaram-se em 1893 e fundaram Belo Monte. Embora houvesse um discurso pelo fim da desigualdade, das hierarquias e da cobrança de impostos, alguns historiadores discordam dessa utopia comunista de sucesso descrita sobre Canudos. Entretanto, é inegável que a comunidade prosperou e cresceu rapidamente, chegando a ser a segunda maior cidade da Bahia com aproximadamente 25.000 habitantes.

Com a instauração do regime republicano, alguns sertanejos liderados por Antônio Conselheiro mobilizaram-se contra a municipalização da cobrança de impostos e a laicidade do Estado.

O confronto de cunho sócio-religioso iniciou-se em 1896 com o ataque do exército. A resistência sertaneja com armamento precário e sem preparo militar lutou três expedições até ruir em 1897 após um exército de mais de 4.000 homens de todo o Brasil e com enorme poderio bélico destruir a comunidade e matar seu líder.

SEGUNDA CANUDOS



Figura 6: Ruínas de Igreja da Segunda Canudos.

Embora a Guerra de Canudos tenha reduzido o contingente populacional da cidade, é falso que houve o extermínio total da população. Sobre os destroços da guerra a comunidade, agora composta pelos conselheiristas sobreviventes, em sua maioria por mulheres e crianças, se reergueu em 1909 e prosperou por muitos anos.

Em 1940 o então presidente Getúlio Vargas chega ao sertão com o objetivo de promover grandes obras de transposição e represamento de água para as regiões mais atingidas pela seca. Questionavelmente o melhor local para a construção do Açude Cocorobó era exatamente sobre a cidade reerguida após a guerra. A decisão técnica sobrepôs o valor histórico. Canudos antes apagada pelo autoritarismo do Estado, agora seria submersa.

Canudos Velho é hoje um vilarejo de pescadores e mesmo sem infraestrutura há uma tentativa de preservação do patrimônio através da iniciativa independente do Sr. Manuel Alves de agrupar artefatos históricos no pequeno cômodo batizado de Museu Histórico de Canudos, localizado na praça de Canudos Velho.

A cidade sob as águas vive apenas na memória da população mais antiga e em períodos de maior seca que se torna possível ver as ruínas da igreja, cemitério, ponte e casas da segunda Canudos.

TERCEIRA CANUDOS



Figura 7: Atual cidade de Canudos. O autor.

A atual cidade era um antigo vilarejo que, em 1985, aproveitando a fama do nome, foi batizado de Canudos e tornou-se a terceira cidade com esse nome. Caracteriza-se por uma malha ortogonal, que a partir de um eixo principal asfaltado irradiam ruas calçadas de paralelepípedo e repletas de casas de alvenaria, vidros temperados e telhados cerâmicos. Uma cidade comum do interior da Bahia, hoje com 16.752 habitantes segundo o IBGE e abastecida pelo Açude Cocorobó.

Entretanto, não só de esquecimento e negligência é feita essa história. A UNEB (Universidade do Estado da Bahia), além de possuir um campus no local, promove diversas pesquisas e atividades na cidade. A instituição possui um Centro de Estudos Euclides da Cunha (CEEC) e é responsável pelo Parque Estadual de Canudos e pelo Memorial Antônio Conselheiro que são, respectivamente, o cenário da guerra preservado e transformado em percurso para visitação e um memorial com diversos registros, artefatos, textos e outros bens que preservam essa história.

TRÊS VEZES CANUDOS | Cronologia dos fatos

	1863 – Antônio Conselheiro inicia sua peregrinação pelo sertão da Bahia. Foram quase 30 anos de andanças e, por onde passou, restaurou igrejas, cemitérios e açudes.
--	--

CANUDOS 1

Do bem comunitário à guerra



1893 – Conselheiro chega a Canudos e lidera o arraial que se torna rapidamente a segunda maior cidade da Bahia, com 25 mil habitantes organizados em prol do bem comunitário e contra certos valores republicanos;

1896 – Teve início, no governo de Prudente de Moraes, a Guerra entre o Exército Brasileiro e os integrantes do movimento popular liderado por Conselheiro;

1897 – Na quarta incursão o massacre é consolidado, morre Antônio Conselheiro e Canudos é derrotada.

CANUDOS 2

Da ressurreição ao afogamento



1897 – Os sobreviventes da guerra migram para as redondezas e reerguem-se, definindo o que posteriormente seria chamada Segunda Canudos;

1920 – Fenômeno do banditismo social com o cangaço e o bando de Lampião;

1930 – Surgimento da estrada transnordestina, atual BR 116;

1940 – Após visita do presidente Getúlio Vargas, decidiu-se construir um açude no local;

1950 – Avançam as obras de construção da barragem que inundaria o vilarejo, os habitantes partem para outras localidades, principalmente Bendegó, Uauá, Euclides da Cunha e Feira de Santana;

1969 – Com o término das obras, o local onde ficava Canudos desapareceu por sob as águas do açude. Um pequena comunidade se formou às margens (atual Canudos Velho).

CANUDOS 3

Do nome apenas

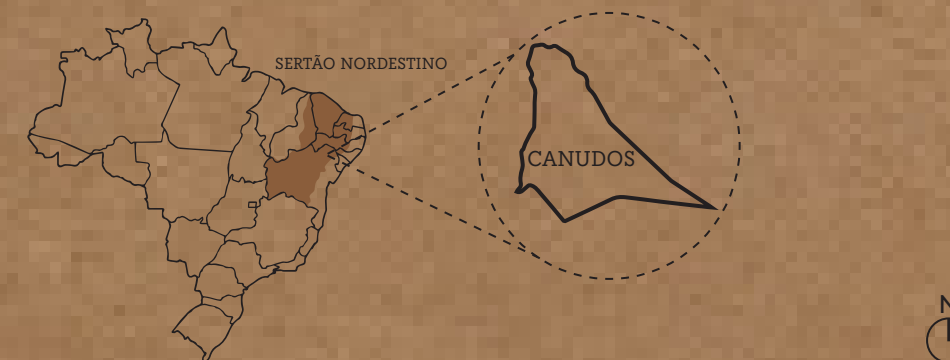


1985 – O vilarejo de Cocorobó tornou-se município e, aproveitando a fama do nome, foi batizada de Canudos (3ª), tornando-se assim a terceira cidade com este nome;

1994 – A partir desse ano, em épocas de seca severa, as ruínas da Segunda Canudos podem ser vistas em períodos de seca.

1997 – A pedido do então deputado Inácio Arruda (PCdoB/ CE), solicitou-se o tombamento da região. O IPHAN considerou que seria necessário outros instrumentos, devendo o local se tornar uma Paisagem Cultural brasileira.

MACRO DADOS



Segundo o IBGE, atualmente em Canudos-BA tem-se uma população estimada de 16.752 habitantes. Sendo que, no último censo (2010) contabilizou-se 15.732 habitantes. A cidade possui uma densidade demográfica de 4,89 hab/km², considerada baixa em relação ao estado e ao país.

Em 2016, o salário médio mensal era de 1.9 salários mínimos, um dado a princípio otimista se não levado em conta a concentração de renda e a desigualdade existentes. No mesmo ano, a proporção de pessoas ocupadas em relação à população total era de 4.9%.

A taxa de mortalidade infantil média na cidade é de 8.1 para 1.000 nascidos vivos, considerada alta em comparação a países desenvolvidos (3 mortes a cada 1000 nascidos vivos). Comparado com todos os municípios do estado, fica nas posições 341 de 417 e 105 de 417, respectivamente. Quando comparado a cidades do Brasil todo, essas posições são de 3652 de 5570 e 946 de 5570, respectivamente.

Apresenta apenas 17.1% de domicílios com esgotamento sanitário adequado, o que reflete diretamente nas condições de saúde da população. As internações devido a diarreias são de 3.7 para cada 1.000 habitantes.

Os dados apresentados representam todo o território do atual município de Canudos. Desse modo, cabe ressaltar que a região de interesse para esse trabalho é Canudos Velho, hoje considerado um bairro afastado da cidade, logo, não possui indicadores precisos. Por vivências, entrevistas e análises locais, nota-se enorme precariedade e abandono do poder público, ausência completa de equipamentos públicos como escolas e postos de saúde, predominância residencial de 1 a 2 pavimentos, falta de infraestrutura urbana básica e desvalorização do patrimônio histórico,. Porém, muita força e orgulho da história do seu povo.



Figura 8: Imagem de satélite da região de Canudos. Google Earth

PATRIMÔNIO OFICIAL

A Memorial Antônio Conselheiro



B Parque Estadual de Canudos



PATRIMÔNIO CLANDESTINO

C Ruínas da Segunda Canudos



D Museu Histórico de Canudos



PRAÇA CENTRAL | SEGUNDA CANUDOS (CANUDOS VELHO)



Figura 13: Imagem de satélite povoado de Canudos Velho. Google Earth.

RUÍNAS | SEGUNDA CANUDOS (CANUDOS SUBMERSA)



C1: Igreja de Santo Antônio
C2: Igreja Velha
C3: Igreja Nova
C4: Cemitério da Segunda Canudos

Figura 17: Imagem de satélite Açude Cocorobó. Google Earth.



Figura 14, 15, 16: Praça de Canudos Velho atualmente.



Figura 18 e 19 e 20: Ruínas dos arcos da Igreja Santo Antônio e ruínas do Cemitério.

CONCEITO

GRANDE SERTÃO

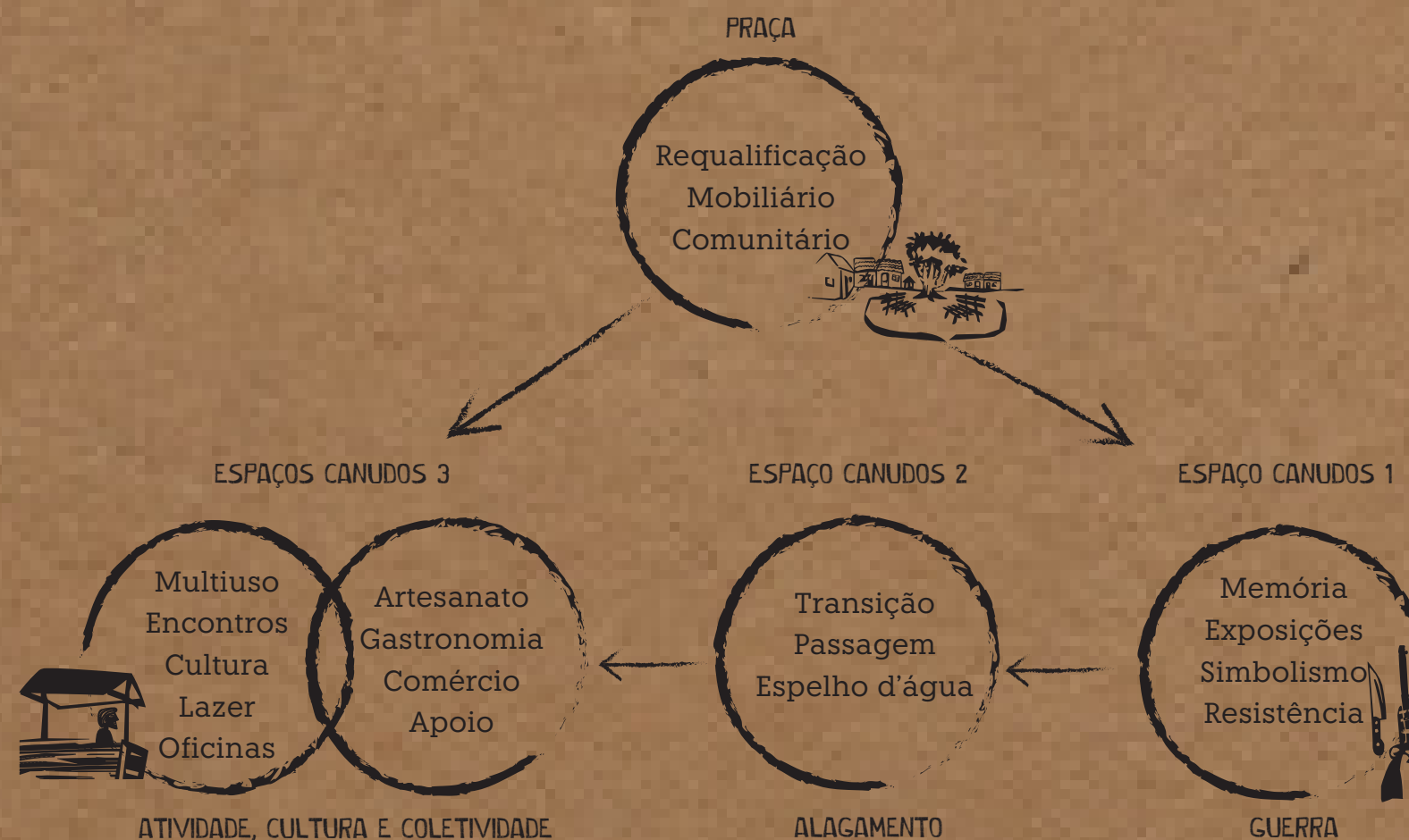
Do Grande Sertão duro e desigual
nascem as Veredas como vazios
alternativos possíveis.

VEREDAS

Surgem como espaços de resiliência
engajados com o Genius Loci - Espírito
do Lugar- evidenciando a memória, o
vernacular e o autóctone.

PROPOSTAS | INTENÇÕES

ESPAÇOS DE MEMÓRIA



PLATAFORMAS RUÍNAS

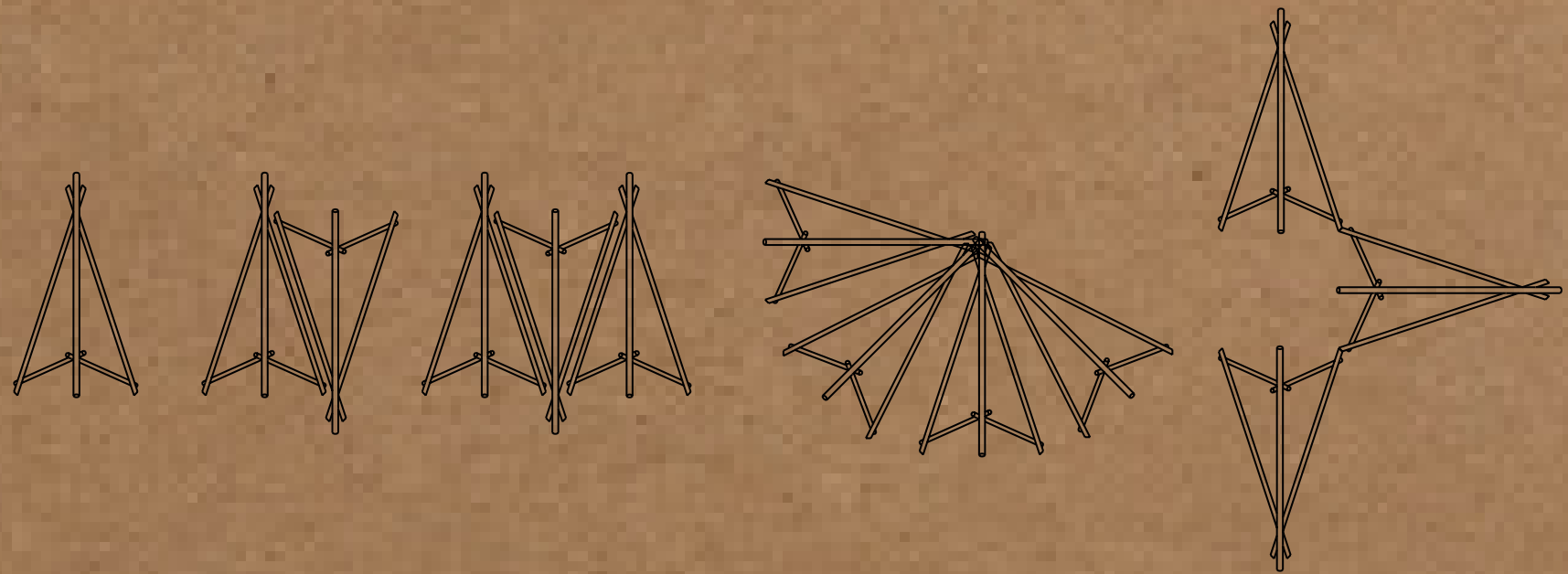
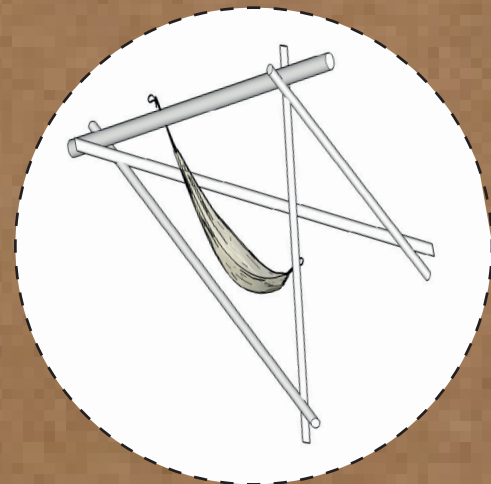


ESTRUTURAS DINÂMICAS

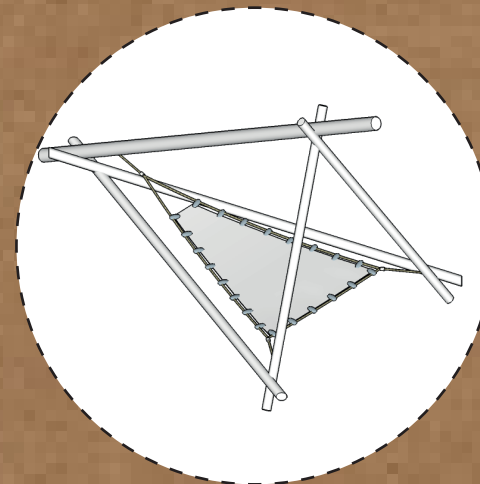


ESTRUTURAS DINÂMICAS

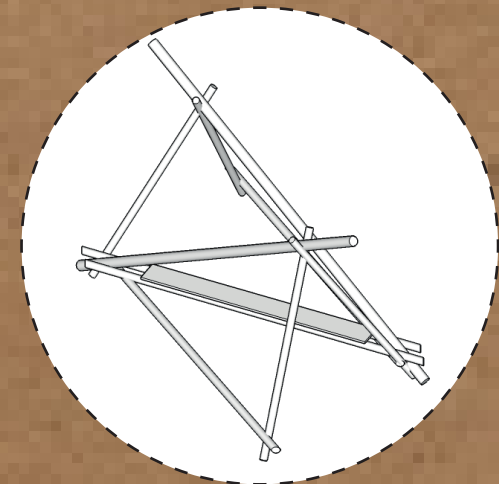
Em meio à aridez e ao calor do sertão os trajetos tornam-se exaustivos. Partindo disso, propõe-se estruturas de apoio que associadas conciliem sombreamento e mobiliário e adaptem-se aos vazios dos percursos. De modo replicável, com diferentes possibilidades de combinações e estáveis em qualquer terreno, possuem baixo custo e facilidade de execução com madeiras e outros materiais locais. O tripé proporciona estabilidade contra as forças no sentido para baixo, as forças horizontais e os momentos em relação ao eixo vertical. As dimensões podem ser variáveis conforme a necessidade e tamanho das peças disponíveis e a fixação das peças permite parafusamento ou amarração com cordas. Com forte influência da estética de Juraci Dórea e da dinamicidade e interatividade da obra Os Bichos de Lygia Clark, as estruturas buscam se enveredar pelo sertão ocupando vazios e gerando resiliência.



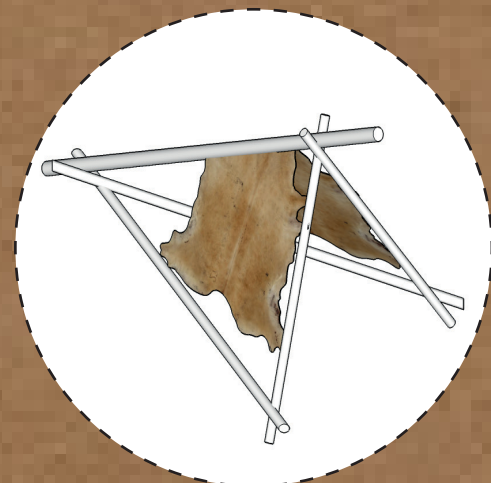
REDE



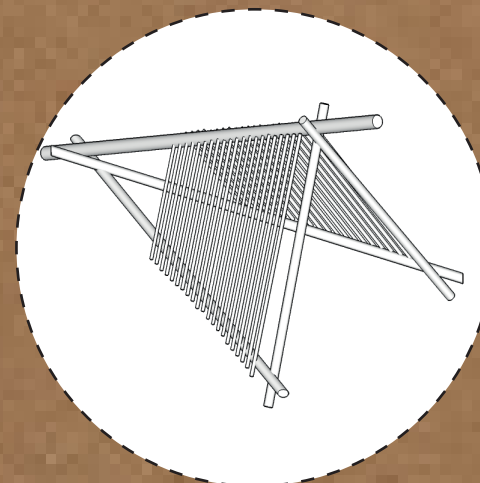
MEMBRANA TÊNSIL



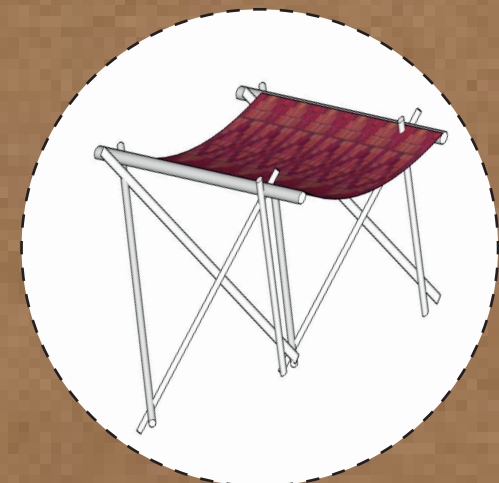
BANCO



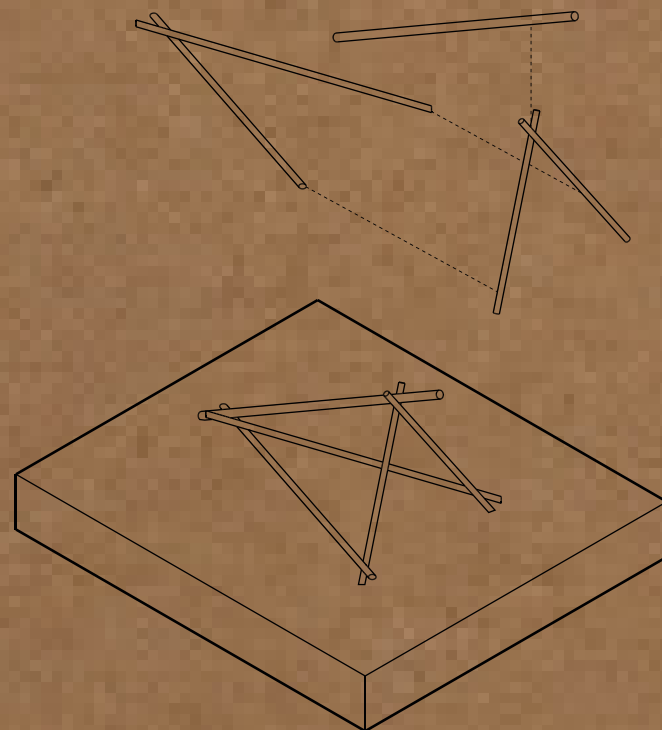
PELES



BRISES



TECIDOS



Peças de madeira local



Tecidos e membranas



As madeiras mais comuns na região são popularmente chamadas de Pereiro, Umburana, Angico, Barauna e Aroeira.



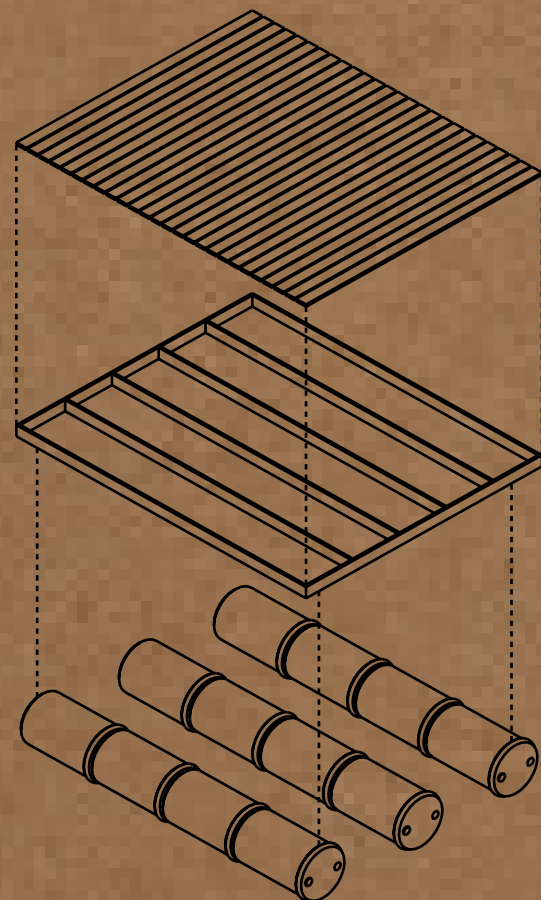
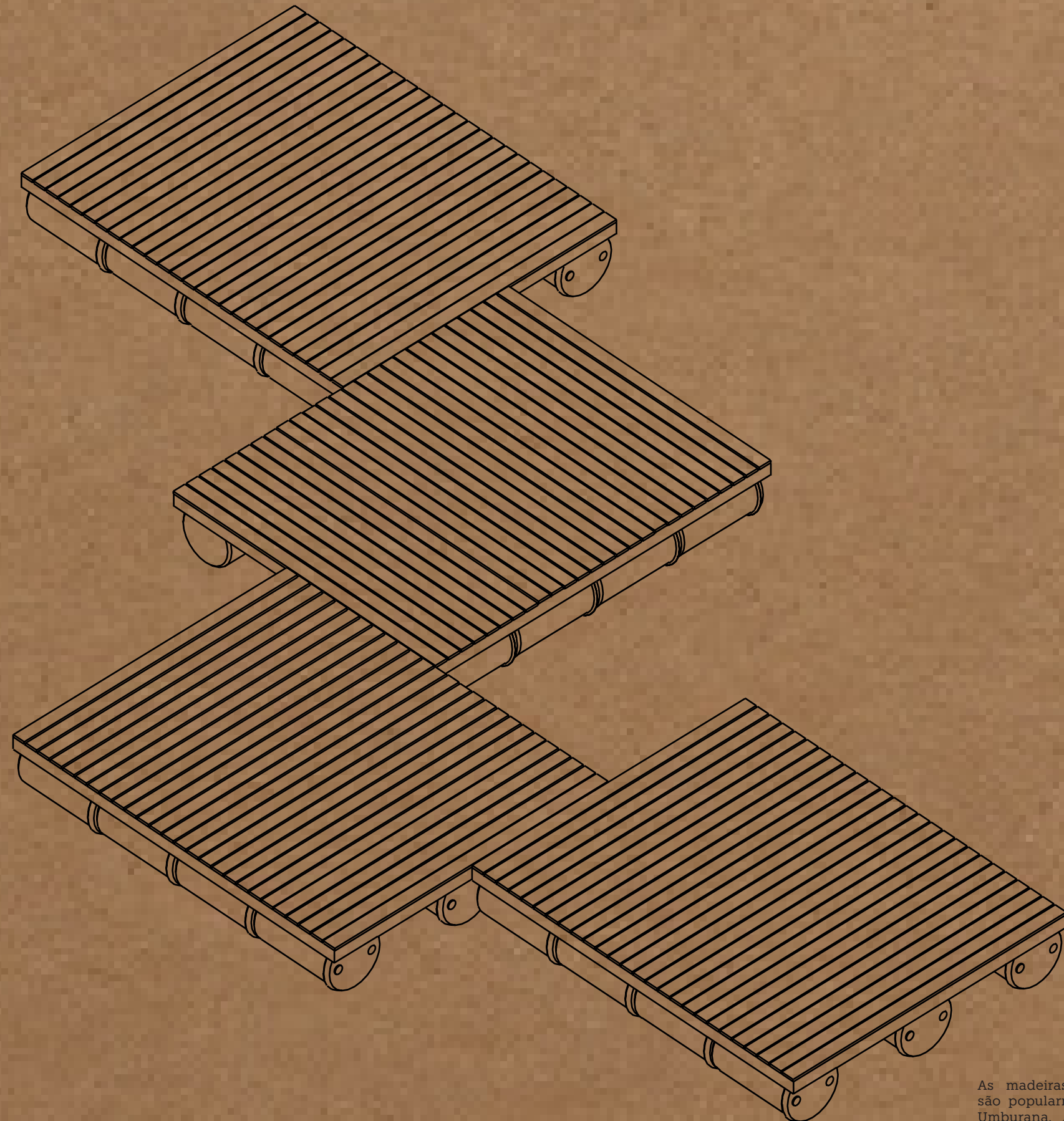
Peles de animais



Brises e ripas

PLATAFORMAS FLUTUANTES

As ruínas da Segunda Canudos, cidade que foi alagada, em certos períodos de cheia ficam parcialmente submersas tornando-se inacessíveis e distanciando-se dos moradores e visitantes. Para criar maior vínculo e diminuir essa distância, propõe-se recriar os acessos em sua volta através de plataformas flutuantes associadas que se adaptem às variações de nível do açude. Os decks em madeira local possuem aproximadamente 3,5m x 4,5m, são apoiados em tonéis reaproveitados e o conjunto é associado por correntes. Além disso, utiliza-se tiras de pneus nas laterais para evitar degradação por atrito e amortecer choques mecânicos. Busca-se evidenciar a história gerando aproximação e contemplação sem agredir o meio ambiente e preservando o patrimônio.



Barril plástico usado



Peças de madeira local



Correntes ligações



Tiras Borracha proteção



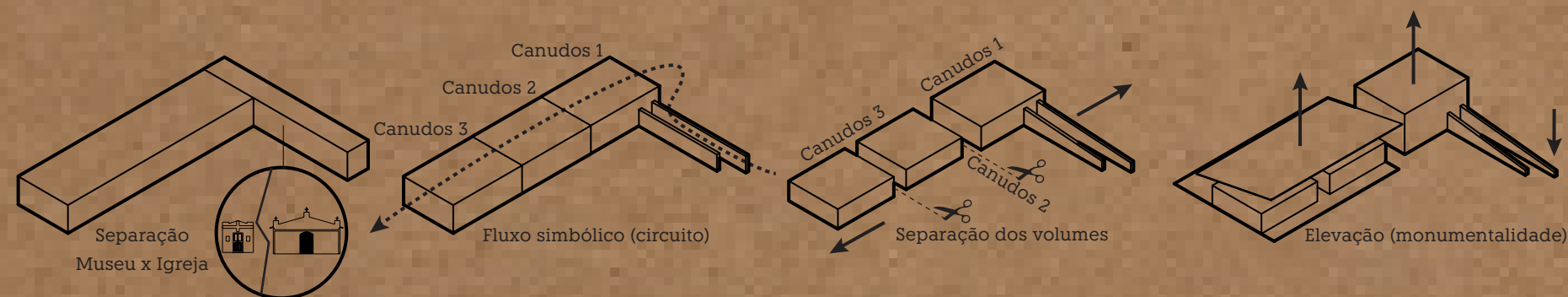
Dispensa fundações



As madeiras mais comuns na região são popularmente chamadas de Pereiro, Umburana, Angico, Barauna e Aroeira.

PRAÇA | GALERIA | CENTRO COM.

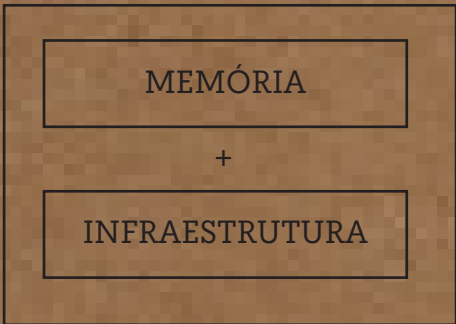
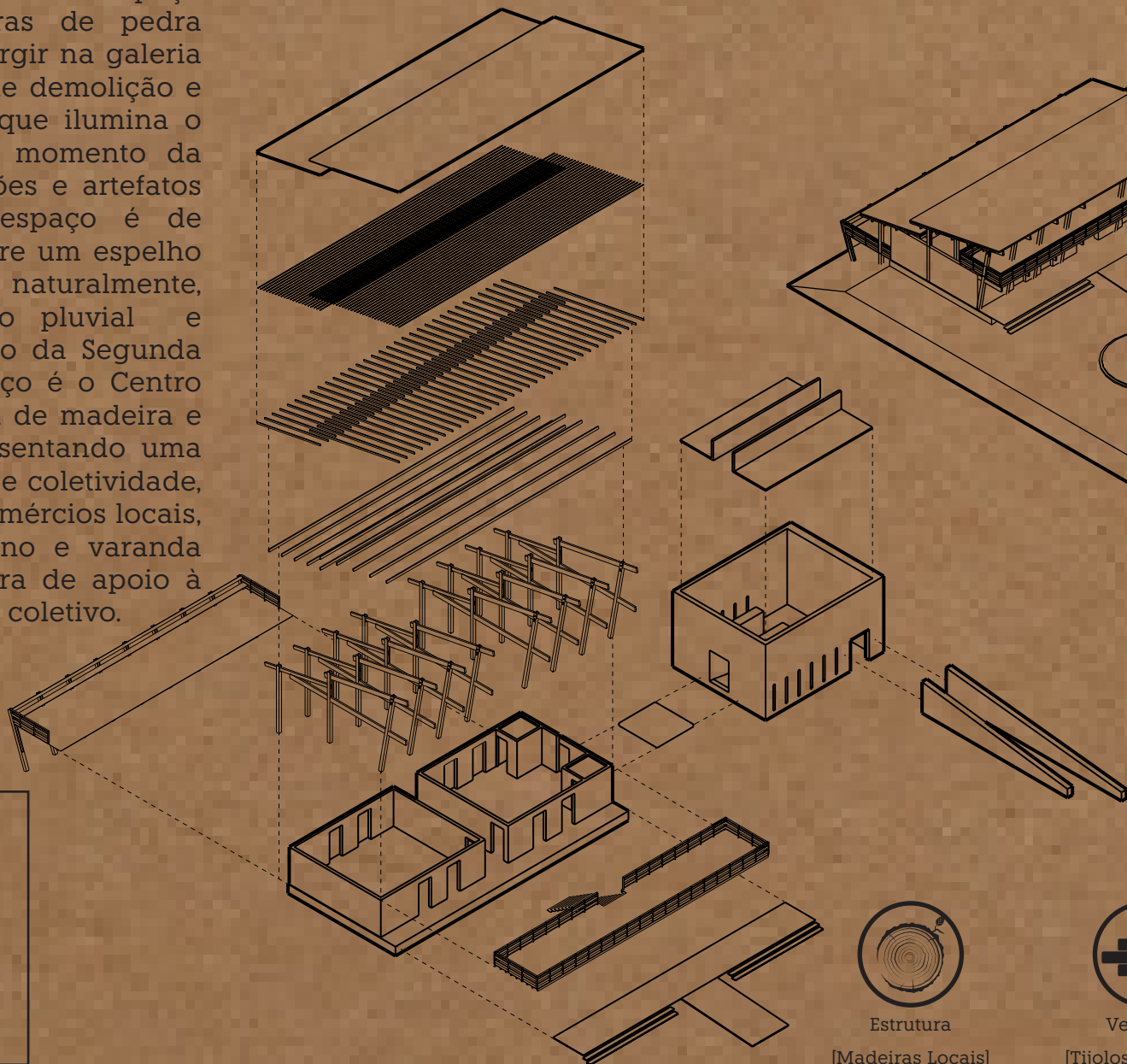
Executado com técnicas e materiais locais e inserido em uma praça requalificada o conjunto volta-se ao monumento de Antônio Conselheiro e abraça o Museu Popular existente evidenciando o patrimônio. Inicia-se uma separação simbólica e representativa entre o Museu Popular e a Igreja, indicando um fluxo em sentido também simbólico com elementos que remetam aos 3 momentos de Canudos e que sejam espaços comunitários. No primeiro espaço adentra-se por trincheiras de pedra que elevam-se até submergir na galeria austera feita em blocos de demolição e com um rasgo superior que ilumina o ambiente remetendo ao momento da Guerra, além de exposições e artefatos históricos; o segundo espaço é de transição, uma ponte sobre um espelho d'água com nível variável naturalmente, abastecido por captação pluvial e remetendo ao alagamento da Segunda Canudos; o terceiro espaço é o Centro Comunitário em estrutura de madeira e paredes de adobe, representando uma atual Canudos de cultura e coletividade, composto por salão de comércio locais, espaço multiuso, mezanino e varanda mirante. Fornecer estrutura de apoio à população e engajamento coletivo.



As madeiras mais comuns na região são popularmente chamadas de Pereiro, Umburana, Angico, Baraúna e Aroeira.



Foram utilizadas diversas estratégias bioclimáticas para explorar o potencial dos materiais e trazer maior conforto diante das condicionantes climáticas locais. Inércia térmica (adobe, tijolos e fachada norte de maior espessura); Porosidade (telhas e argila expandida); Resfriamento evaporativo (espelho d'água); Proteções solares (beirais); Exaustão por Efeito Chaminé (shed e lanternim); Iluminação zenital e aberturas laterais altas.



Estrutura

[Madeiras Locais]



Vedação

[Tijolos de adobe]



Estrutura/ Vedação

[Tijolos de demolição]



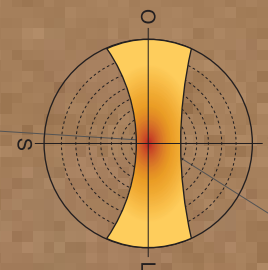
Cobertura

[Telha colonial cerâmica]



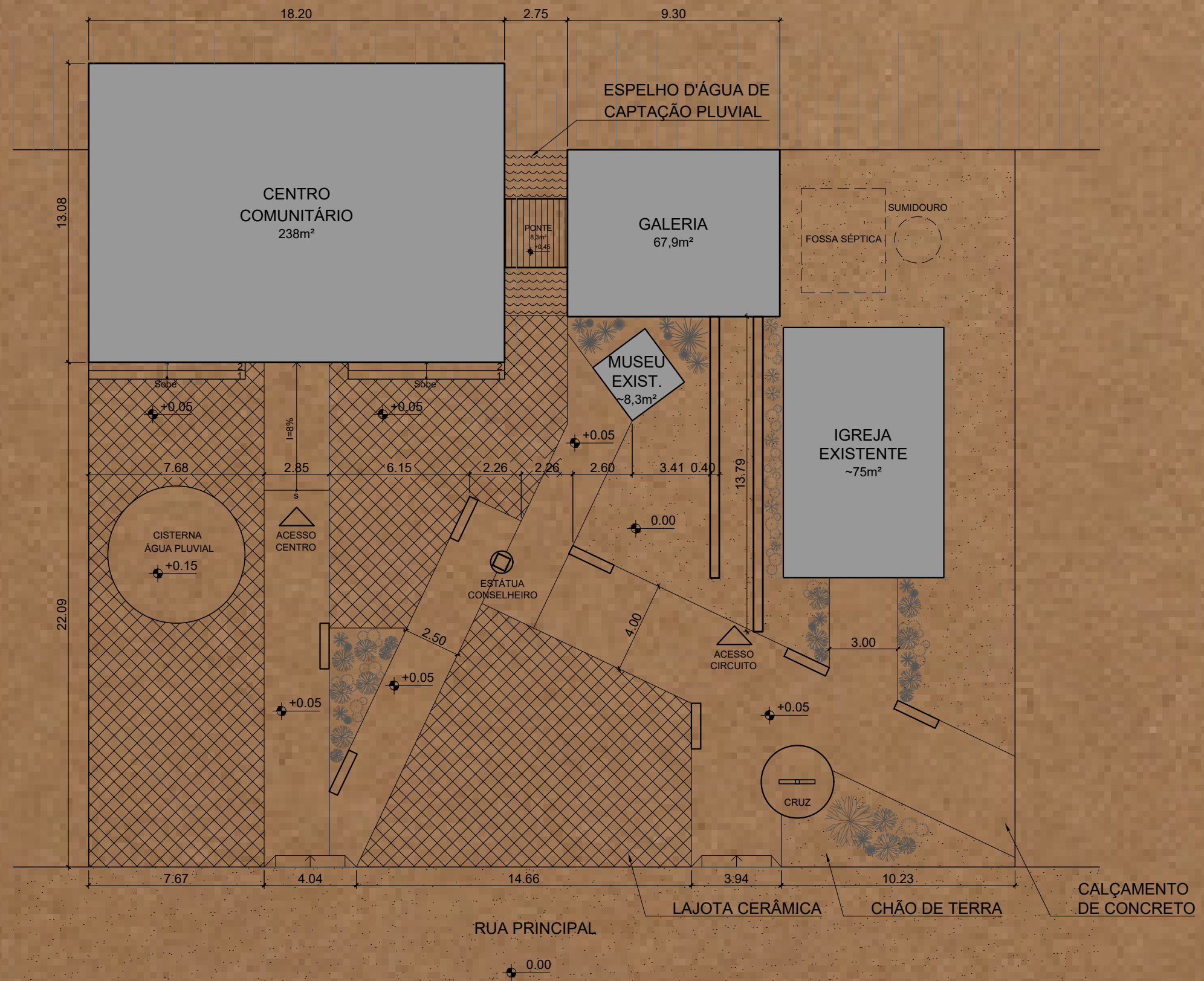
Água

[Captar + Reaproveitar]

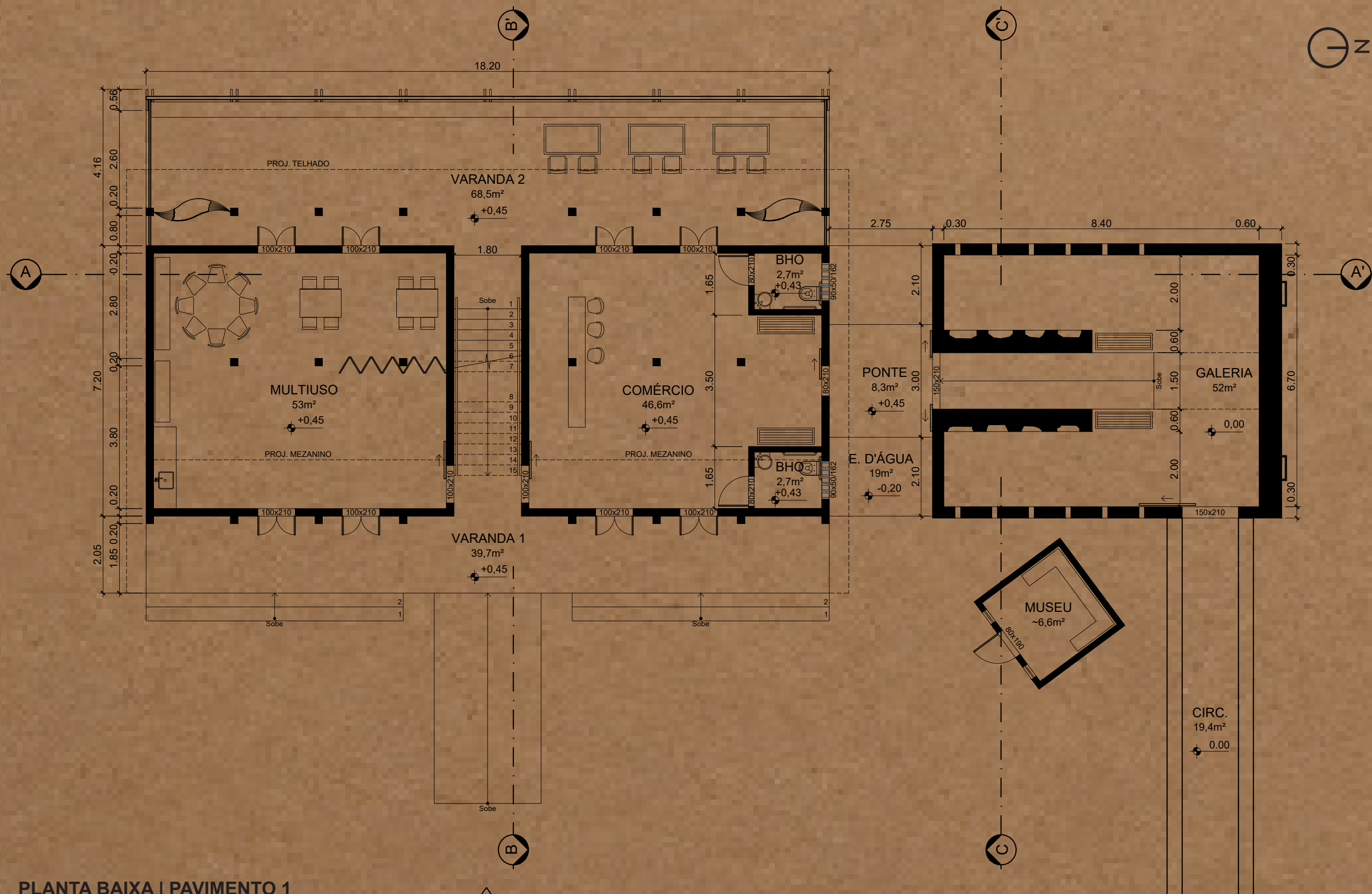


ÁREA DE
INTERVENÇÃO
1341,2m²

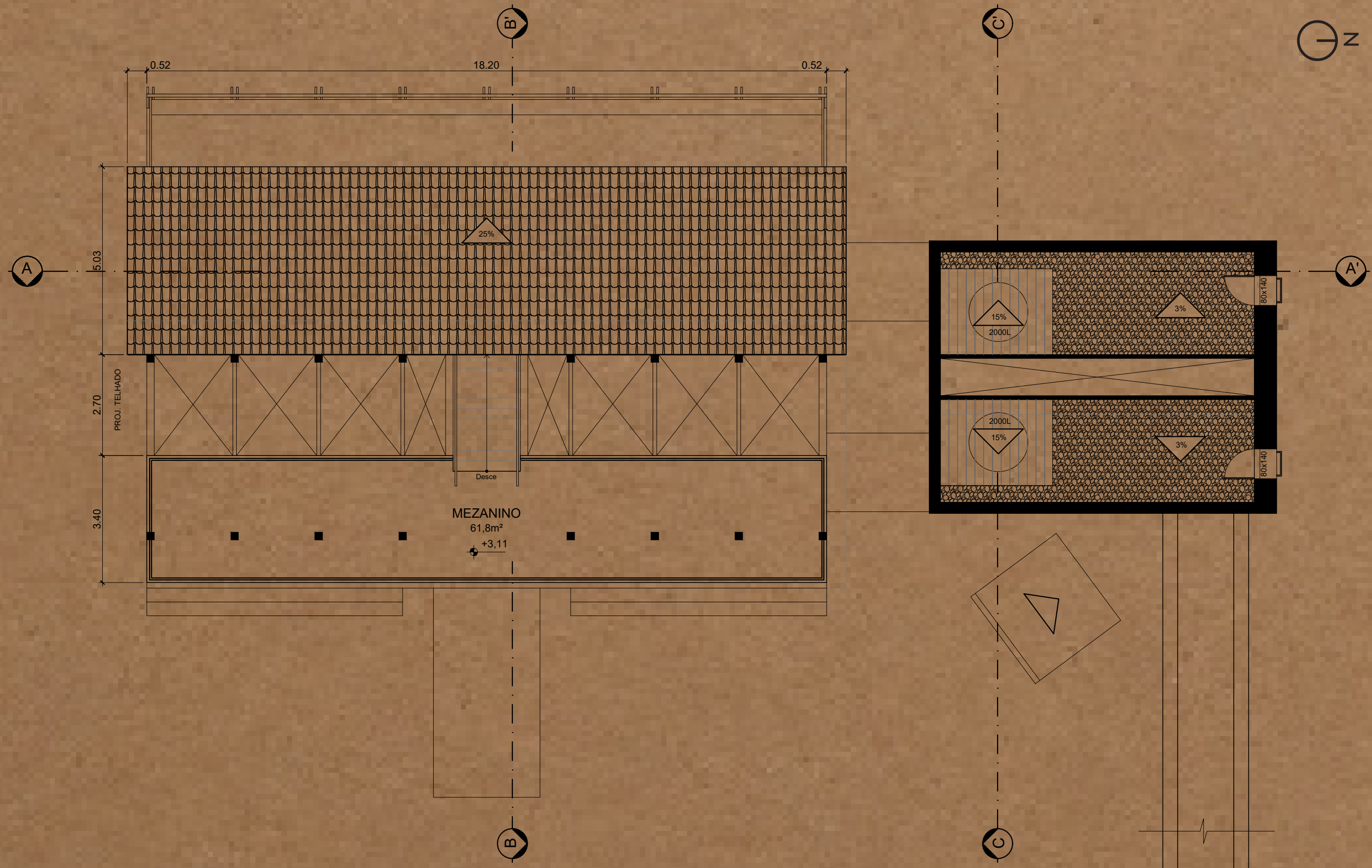
SITUAÇÃO
Esc 1:750



VEREDAS | PROPOSTA 19

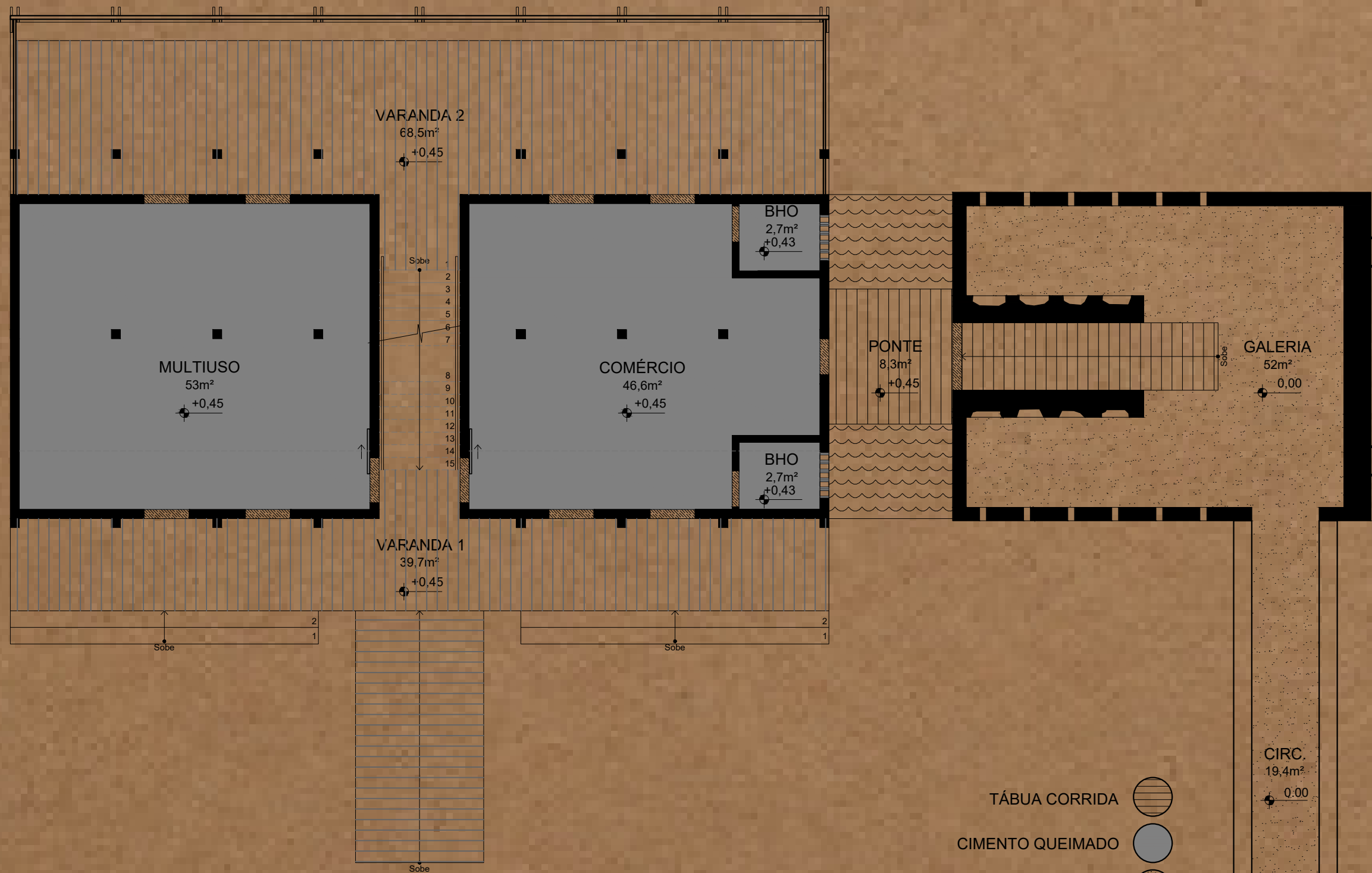


PLANTA BAIXA | PAVIMENTO 1
Esc 1:100

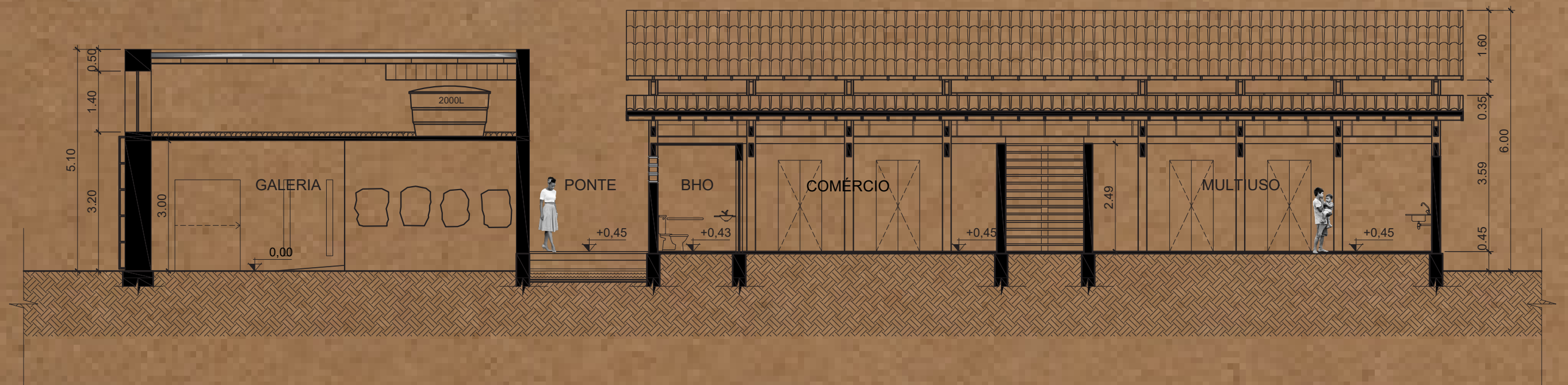


PLANTA BAIXA | PAVIMENTO 2
Esc 1:100

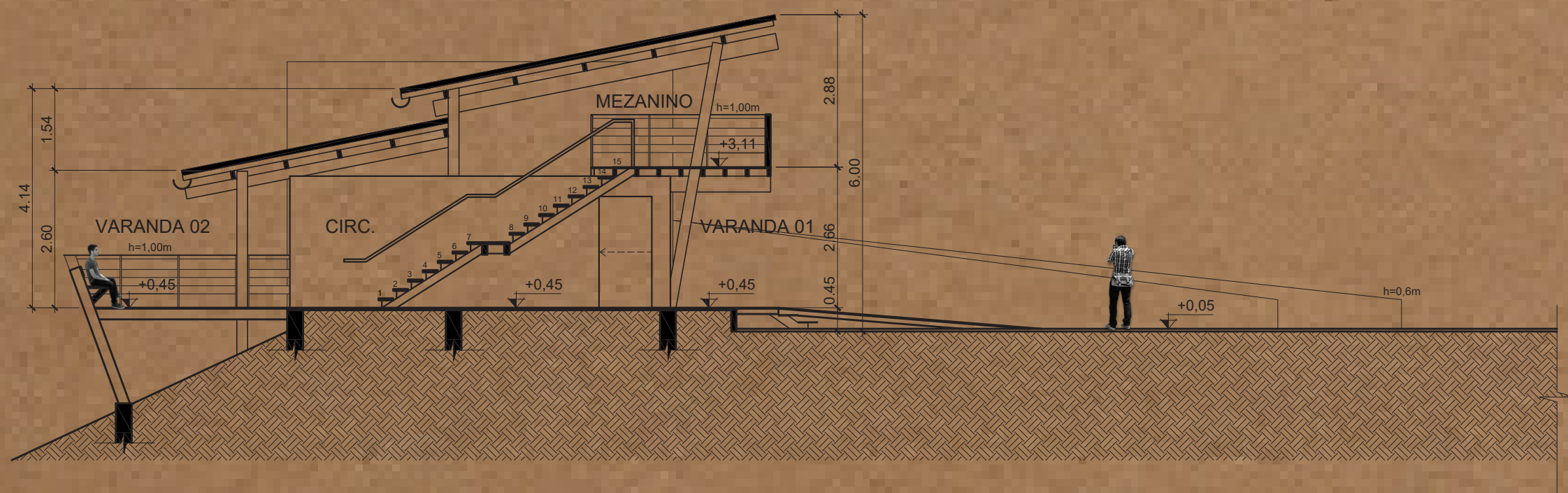




CIRC.
19,4m²
0:00



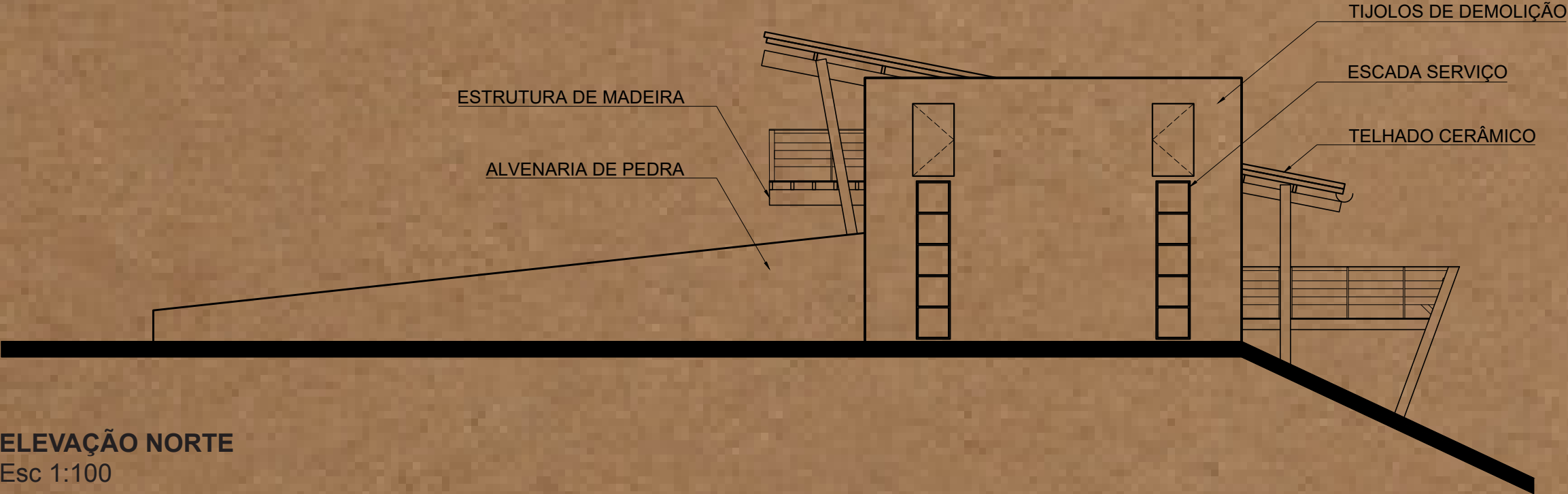
CORTE AA'
Esc 1:100



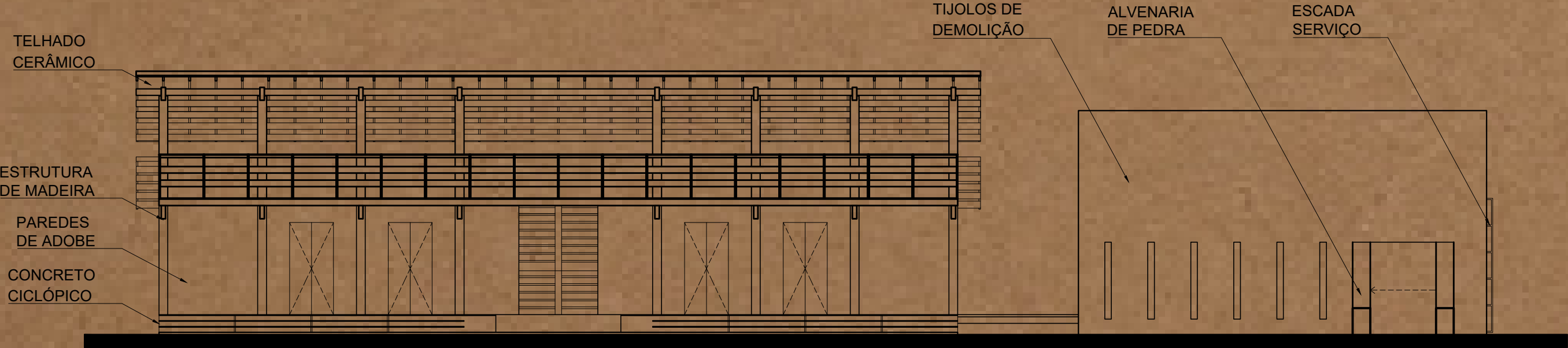
CORTE BB'
Esc 1:100



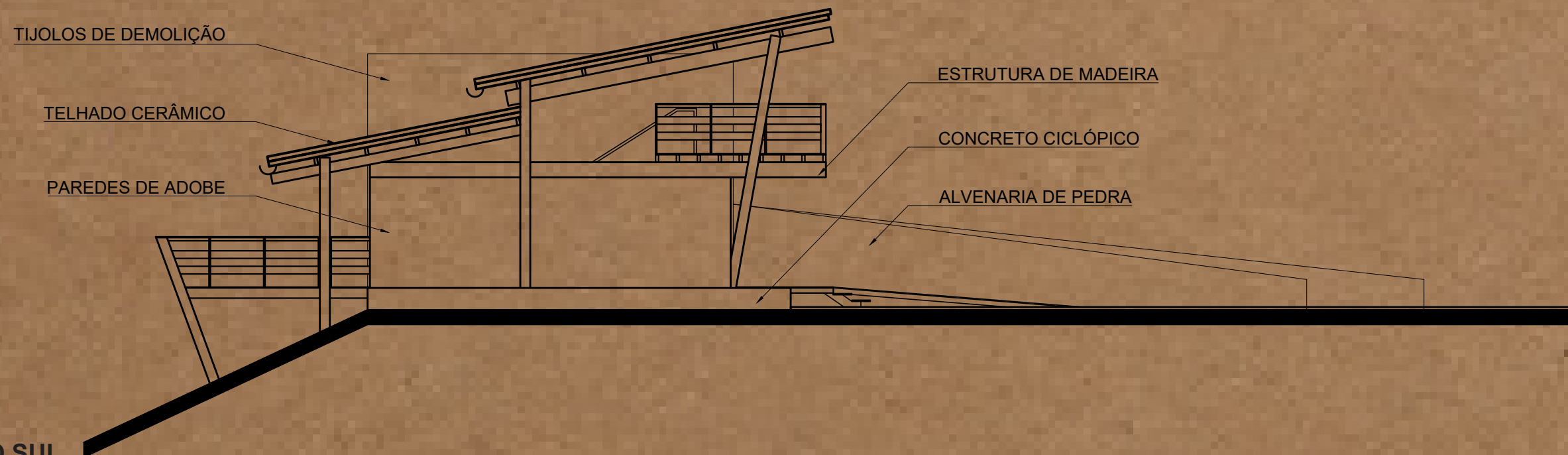
CORTE CC'
Esc 1:100



ELEVAÇÃO NORTE
Esc 1:100



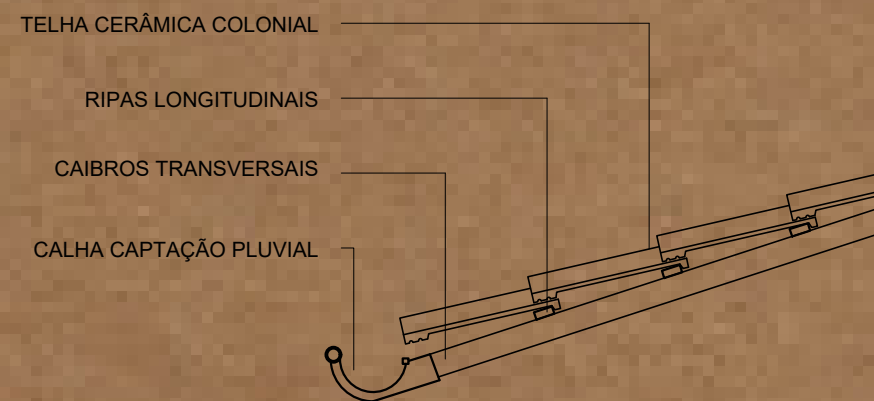
ELEVAÇÃO LESTE
Esc 1:100



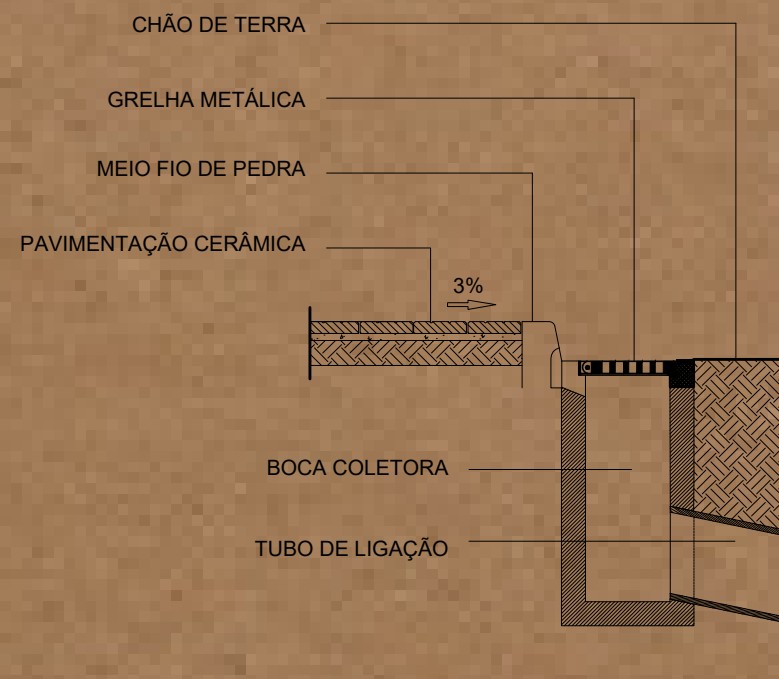
ELEVAÇÃO SUL
Esc 1:100



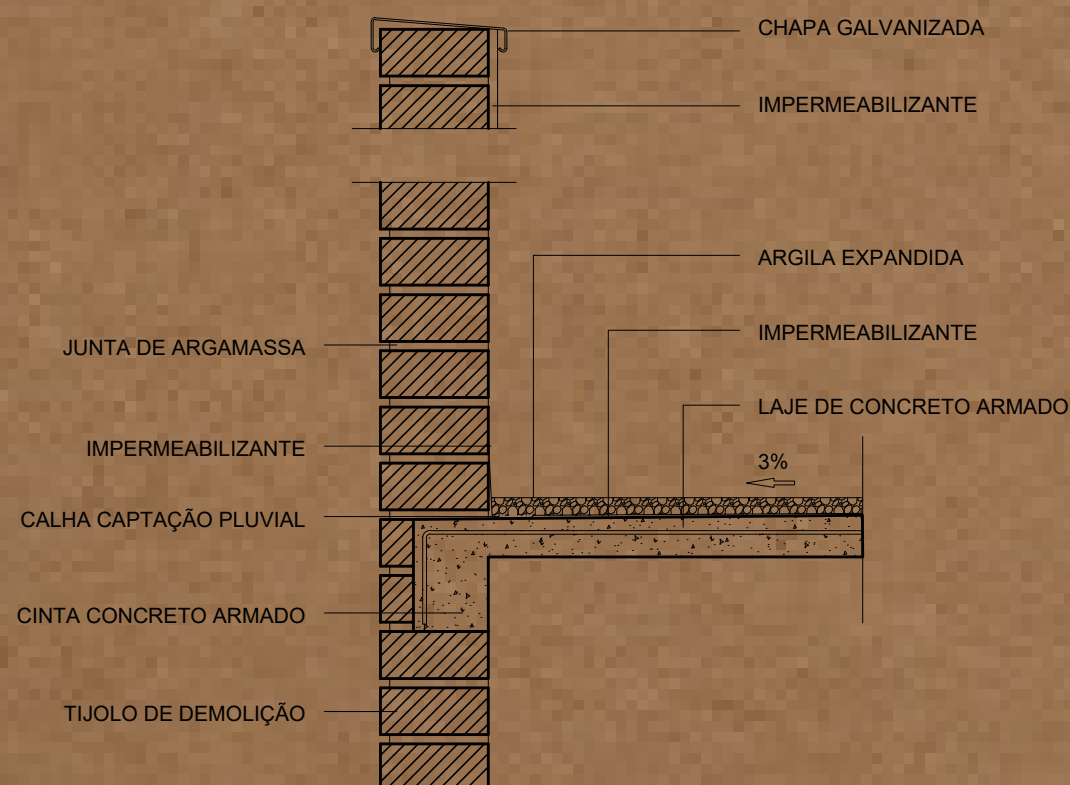
ELEVAÇÃO OESTE
Esc 1:100



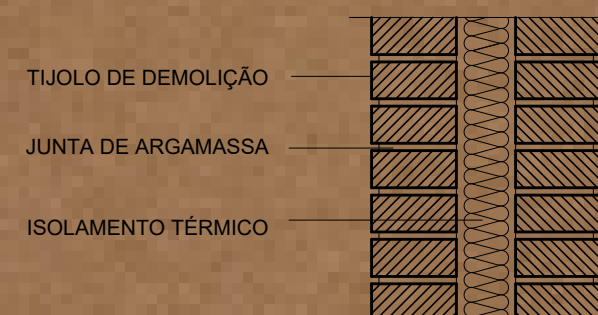
DET. TELHADO
Esc 1:20



DET. DRENAGEM
Esc 1:20



DET. PAREDE E LAJE | GALERIA
Esc 1:20



DET. PAREDE NORTE | GALERIA
Esc 1:20



Figura 21: Vista frontal da praça com o Conjunto (Centro Comunitário e Galeria) ao fundo. O autor.



Figura 22: Ponte sobre espelho d'água ligando a Galeria ao Centro Comunitário. O autor.



Figura 23: Praça e Conjunto ao fundo, recebendo eventos da comunidade. O autor.



Figura 24: Perspectiva da praça com ênfase na entrada da Galeria. O autor.



Figura 25: Perspectiva superior da praça com vista do mezanino do Conjunto. O autor.



Figura 26: Fachada oeste com varanda avançando. O autor.



Figura 27: Varanda ao fundo do. Espaço de expansão e mirante. O autor.



Figura 28: Vista Interna da Galeria representando Canudos 1. O autor.



Figura 29: Vista interna da área de comércio do Centro Comunitário. O autor.



Figura 30: Vista interna do espaço multiuso do Centro Comunitário. O autor.



Figura 31: Plataformas flutuantes contornando as ruínas e ao fundo Estruturas Dinâmicas de apoio. O autor.



Figura 32: Plataformas flutuantes contornando as ruínas. O autor.



Figura 33: Trajeto com Estruturas Dinâmicas de apoio. O autor.

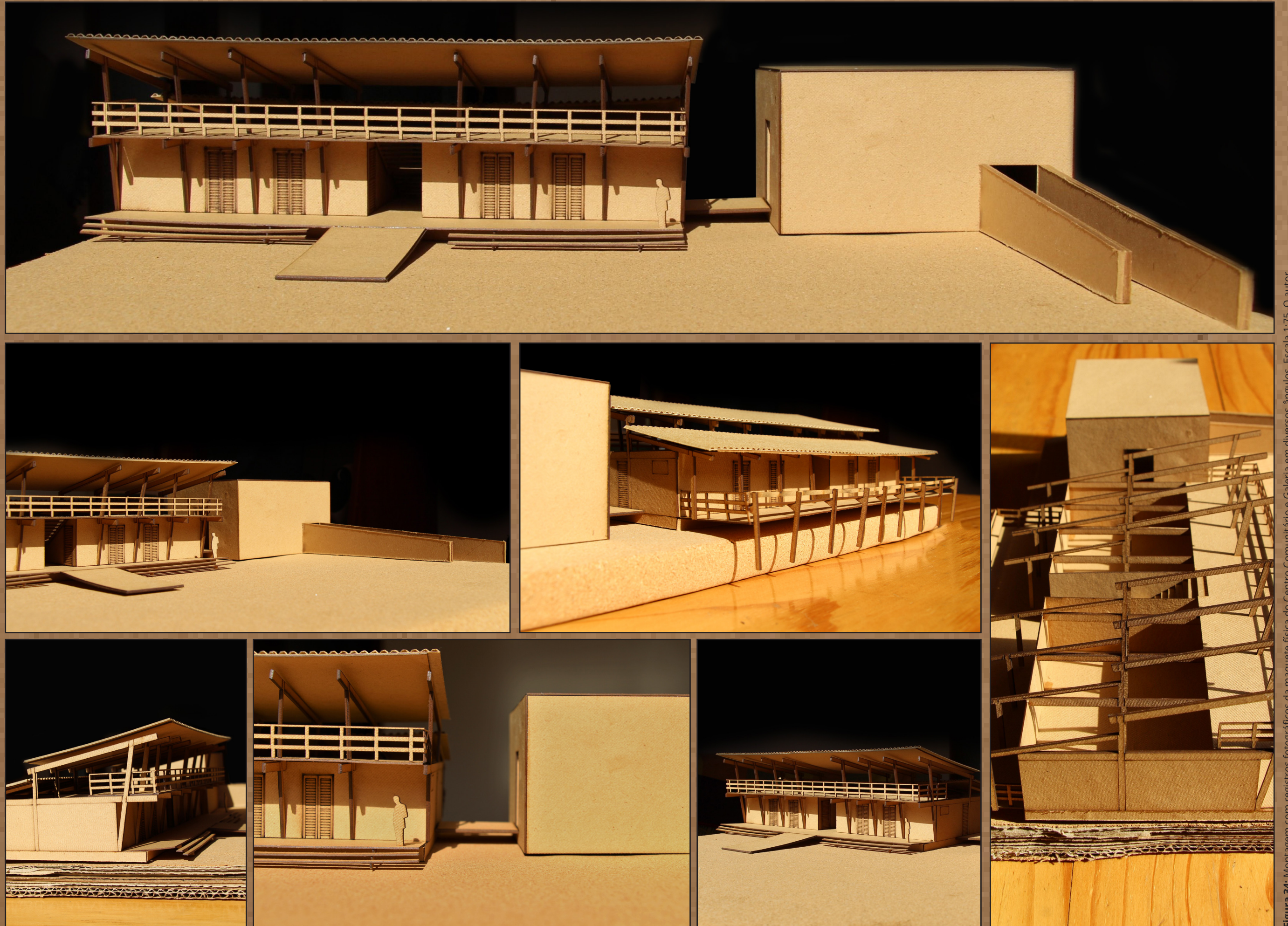


Figura 34: Montagem com registros fotográficos da maquete física do Centro Comunitário e Galeria em diversos ângulos. Escala 1:75. O autor.

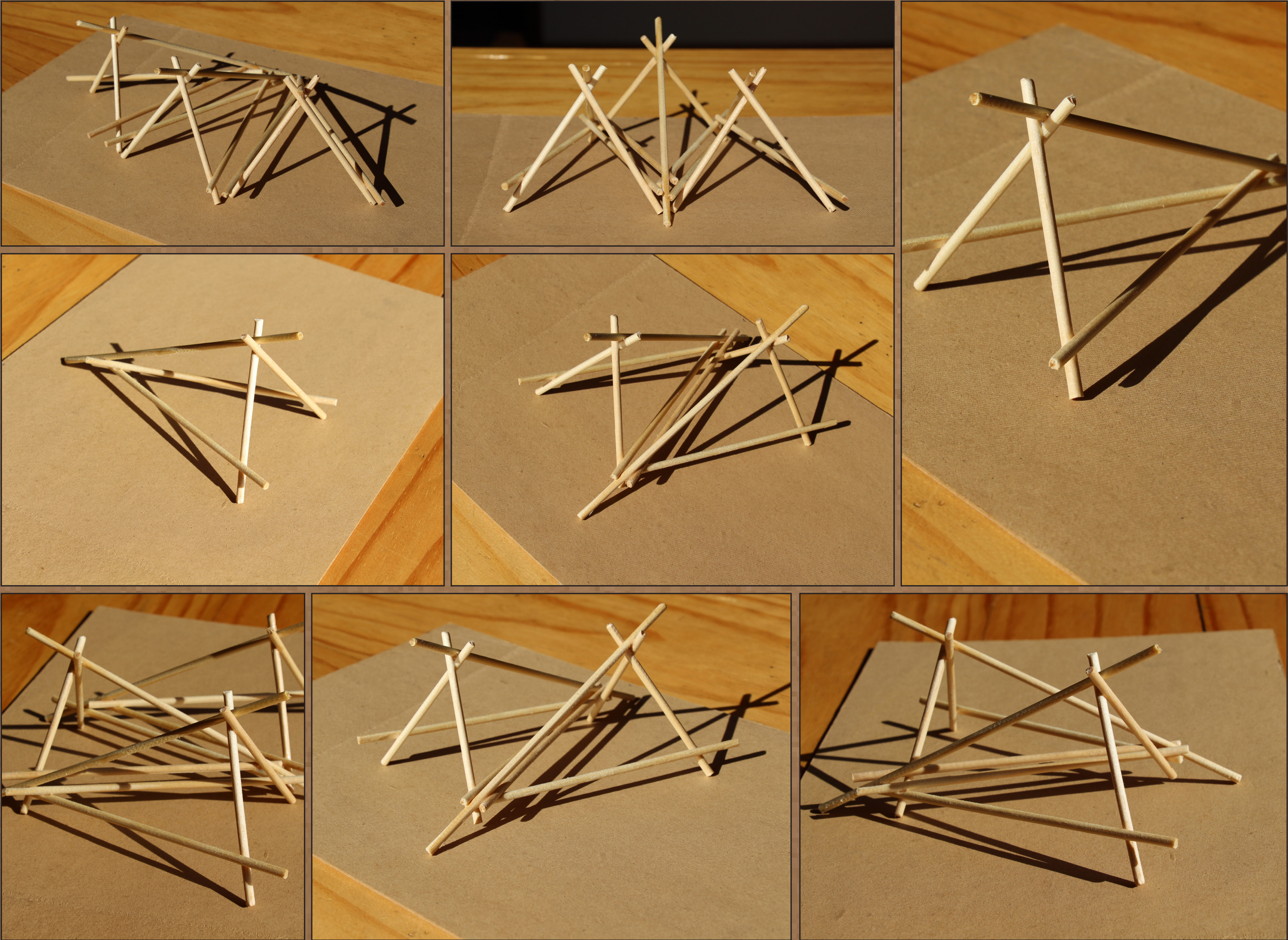


Figura 35: Montagem com registros fotográficos da maquete física das Estruturas Dinâmicas em diversos arranjos e ângulos. Escala 1:50. O autor.

CONCLUSÃO

Após todas as etapas para a elaboração desse trabalho, desde a necessidade de voltar-se antropológicamente a um sertão esquecido, até a incursão com vivências locais, depoimentos da população e todo o desenvolvimento das propostas, nota-se a importância do papel social do arquiteto como uma peça que pode contribuir para a qualidade de vida da comunidade em diversos aspectos. Neste trabalho buscou-se evidenciar a história local e seu patrimônio, oferecer maior resiliência e conforto à população, além de estrutura de apoio comunitário e engajamento coletivo que promova interações e reflexões acerca de diversos temas que os circundam. Sempre dialogando e respeitando a cultura e as particularidades, levantando os aspectos ambientais da região e trabalhando condicionado às técnicas, materiais e recursos disponíveis para otimizá-los e tornar todo o conjunto de propostas exequível. Portanto, a valorização dos espaços e da sua estabilidade foi um mecanismo determinante para incentivar um processo de resgate e revalorização da memória e da identidade coletiva do povo na região de Canudos-BA.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Casa de terra em Canudos Velho. O autor.

Figura 2: Os retirantes, Cândido Portinari. Disponível em: <<http://retirantesofilme.blogspot.com/2012/01/o-inicio.html>> Acesso em: 08 de junho de 2018

Figura 3: Capas de livros sobre o sertão. O autor.

Figura 4: Escultura. Juraci Dórea. Disponível em: <http://oliveiradimas.blogspot.com/2014/08/o-imaginario-de-juraci-dorea-no-sertao_25.html> Acesso em: 08 de junho de 2018

Figura 5: Desenho do antigo Vilarejo de Canudos. Disponível em: <<https://www.brasil247.com/pt/colunistas/henriquematthiesen/291899/Uma-nova-Canudos.htm>> Acesso em: 10 de junho de 2018

Figura 6: Ruínas de Igreja da Segunda Canudos. Disponível em: <<http://robertodantassertao.blogspot.com/2014/10/ruinas-da-igreja-da-canudos-pos.html>> Acesso em: 10 de junho de 2018

Figura 7: Atual cidade de Canudos. O autor.

Figura 8: Imagem de satélite da região de Canudos. Google Earth.

Figura 9: Memorial Antônio Conselheiro. O autor.

Figura 10: Entrada do Parque Estadual. O autor.

Figura 11: Ruínas com o açude seco. O autor.

Figura 12: Museu popular na Praça. O autor.

Figura 13: Imagem de satélite do povoado de Canudos Velho. Google Earth.

Figura 14, 15 e 16: Praça de Canudos Velho atualmente. O autor.

Figura 17: Imagem de satélite do Açude Cocorobó. Google Earth.

Figura 18: Ruínas do Cemitério. Disponível em:<<https://acervo.estadao.com.br/noticias/topicos,canudos,881,0.htm>. > Acesso em: 08 de junho de 2018

Figura 19: Ruínas da Igreja Santo Antônio. Disponível em: <<https://leianoticias.com.br/mundo/o-misterio-das-10-cidades-escondidas-sob-a-profundidade-das-agua-por-seculos/attachment/cidades-submersas-4-canudos-250716/>> Acesso em: 08 de junho de 2018

Figura 20: Ruínas da Igreja Santo Antônio. O autor.

Figura 21: Vista frotal da praça com o Conjunto (Centro Comunitário e Galeria) ao fundo. Cena Modelada em 3D e renderizada. O autor.

Figura 22: Ponte sobre espelho d'água ligando a Galeria ao Centro Comunitário. Cena Modelada em 3D e renderizada. O autor.

Figura 23: Praça e Conjunto ao fundo recebendo eventos da comunidade. Cena Modelada em 3D e renderizada. O autor.

Figura 24: Perspectiva da praça com ênfase na entrada da Galeria. Cena Modelada em 3D e renderizada. O autor.

Figura 25: Perspectiva superior da praça com vista do mezanino do Conjunto. Cena Modelada em 3D e renderizada. O autor.

Figura 26: Fachada oeste com varanda avançando. Cena Modelada em 3D e renderizada. O autor.

Figura 27: Varanda ao fundo do. Espaço de expansão e mirante. Cena Modelada em 3D e renderizada. O autor.

Figura 28: Vista Interna da Galeria representando Canudos 1. Cena Modelada em 3D e renderizada. O autor.

Figura 29: Vista interna da área de comércio do Centro Comunitário. Cena Modelada em 3D e renderizada. O autor.

Figura 30: Vista interna do espaço multiuso do Centro Comunitário. Cena Modelada em 3D e renderizada. O autor.

Figura 31: Plataformas flutuantes contornando as ruínas e ao fundo Estruturas Dinâmicas de apoio. Cena Modelada em 3D e renderizada. O autor.

Figura 32: Plataformas flutuantes contornando as ruínas. Cena Modelada em 3D e renderizada. O autor.

Figura 33:Trajeto com Estruturas Dinâmicas de apoio. Cena Modelada em 3D e renderizada. O autor.

Figura 34: Montagem com registros fotográficos de maquete física do Centro Comunitário e Galeria em diversos ângulos. Cortada a laser em papel couro de 1 mm sobre base de papelão e cortiça. Escala 1:75. O autor.

Figura 35: Montagem com registros fotográficos de maquete física das Estruturas Dinâmicas em diversos arranjos e ângulos. Palitos de madeira. Escala 1:50. O autor.

REFERÊNCIAS

ABREU, Regina. Arqueologia de um livro-monumento: Os sertões sob o ponto de vista da memória social. In: O clarim e a oração: cem anos de Os Sertões. São Paulo: Geração Editorial, 2002, p. 221-242.

CHOAY, Françoise. A alegoria do patrimônio. 3. ed. São Paulo: Estação da Liberdade: UNESP, 2001.

CUNHA, Euclides da. Caderneta de campo. Introd., notas e comentário por Olímpio de Souza Andrade. São Paulo: Cultrix; Brasília: INL, 1975. 197 p., mapas.

CUNHA, Euclides da. Canudos: diário de uma expedição. Introdução de Gilberto Freyre. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1939. XXV + 186 p. (Coleção Documentos Brasileiros, 16).

CUNHA, Euclides da. Os Sertões. São Paulo: Martin Claret, 2003.

GOULART FILHO, Nestor. Espaço e memória: conceitos e critérios de intervenção. In: O direito à memória: patrimônio histórico e cidadania. Departamento do Patrimônio Histórico. São Paulo: DPH, 1992.

GUIMARÃES ROSA, J. Grande sertão: veredas. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

HALBWACHS, Maurice. A memória coletiva. Tradução Beatriz Sidou. São Paulo, 2006.

HOLMGREN, David. Permacultura: princípios e caminhos além da sustentabilidade. Tradução Luzia Araújo. Porto Alegre: Via Sapiens, 2013. 416 p.

KOOLHAAS, Rem. O atual desafio da arquitetura é entender o mundo rural. ArchDaily Brasil. Disponível em: <https://www.archdaily.com.br/br/790804/rem-koolhaas-o-atual-desafio-da-arquitetura-e-entender-o-mundo-rural>. Acesso em: 24 ago. 2018.

LE GOFF, Jacques. História e memória. Campinas: UNICAMP, 1990.

LENGEN, J. V. Manual do arquiteto descalço. Rio de Janeiro: Tibá Livros, 2012.

MELO NETO, João Cabral de. Morte e vida severina e outros poemas para vozes. 34. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1994.

MOLLISON, Bill. Introdução à permacultura. National Library of Australia, 1991.

MOLLISON, Bill. Permaculture: a designer's manual. Tagari, 1998.

MOLLISON, Bill; SLAY, R. M. Introdução à permacultura. Tradução André Soares. Brasília, 1998.

OGAWA, Yuka. A arquitetura como infraestrutura de convivência com o semiárido. Trabalho Final de Graduação, Universidade Federal do Ceará, Centro de Tecnologia, Curso de Arquitetura e Urbanismo, Fortaleza, 2017.

PAOLI, Maria Célia. Memória, história e cidadania: o direito ao passado. In: O direito à memória: patrimônio histórico e cidadania. Departamento do Patrimônio Histórico. São Paulo: DPH, 1992.

POLLAK, Michael. Memória e identidade social. Revista Estudos Históricos, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, p. 200-212, 1992.

POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. Revista Estudos Históricos, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p. 3-15, 1989.

RAMOS, Graciliano. Vidas secas. 74. ed. Rio de Janeiro: Record, 1998.

RAPAPORT, A. Vivienda y cultura. Barcelona: Editorial Gustavo Gili, 1972.

REIS, Luiz Fernando. O feito e o efeito: as memórias e as representações da preservação do conjunto arquitetônico e urbanístico do Serro-MG. Tese (Doutorado em Ciências em Arquitetura) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2012.

RIBEIRO, Rafael Winter. Paisagem cultural e patrimônio. Rio de Janeiro: IPHAN/COPEDOC, 2007.

RIEGL, Alois. O culto moderno dos monumentos: sua essência e sua gênese. Goiânia: Ed. UCG, 2006.

RIEGL, Alois. Opera della natura e opera d'arte. In: SCARROCCHIA, p. 143.

TRÊS VEZES CANUDOS. Direção: Manoel Neto. Produção: Centro de Estudos Euclides da Cunha e Núcleo de Audiovisual.



VEREDAS

MEMÓRIA E RESILIÊNCIA | CANUDOS-BA

ANDRÉ TEIXEIRA DA COSTA

